



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV  
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

LEONARDO PEREIRA DE ARAUJO

**PARALELISMO SINTÁTICO E PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO:  
IMPLICAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS NA MANUTENÇÃO DA COESÃO  
SEQUENCIAL**

Mossoró  
2021

LEONARDO PEREIRA DE ARAUJO

**PARALELISMO SINTÁTICO E PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO:  
IMPLICAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS NA MANUTENÇÃO DA COESÃO  
SEQUENCIAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Edmar Peixoto de Lima.

Mossoró  
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A663p Araujo, Leonardo Pereira de  
Paralelismo sintático e processos correlativos de  
adição: implicações sintático-semânticas na manutenção  
da coesão sequencial. / Leonardo Pereira de Araújo. -  
Mossoró - RN, 2021.  
70p.

Orientador(a): Profa. Dra. Edmar Peixoto de Lima.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Coesão sequencial. 2. Paralelismo sintático. 3.  
Processos correlativos de adição. 4. Construção de  
sentidos. 5. Texto. I. Lima, Edmar Peixoto de. II.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

LEONARDO PEREIRA DE ARAUJO

**PARALELISMO SINTÁTICO E PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO:  
IMPLICAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS NA MANUTENÇÃO DA COESÃO  
SEQUENCIAL**

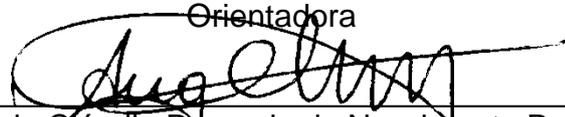
Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em **22 / 05 / 2021**.

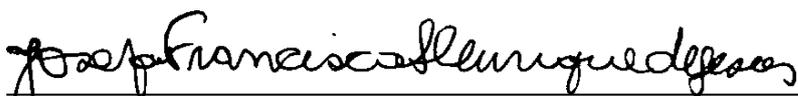
**Banca Examinadora**



Prof.<sup>a</sup> Dra. Edmar Peixoto de Lima - UERN  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dra. Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças -  
UERN Examinador(a)



Prof.<sup>a</sup> Dra. Josefa Francisca Henrique de Jesus -  
UERN Examinador(a)



Prof.<sup>a</sup>. Ma. Márcia Pereira da Silva Franca - UERN  
Examinador(a)

Dedico aos meus pais, Pedro e Maria, por me incentivarem a acreditar nos meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela *trajetória* e pela coragem; com Ele, os obstáculos e as dificuldades enfrentados tornaram-se degraus, por meio dos quais me fortaleço na *trajetória* da vida.

Aos meus pais, Pedro e Maria, pelo amor, carinho e atenção; em especial, à minha mãe, que sempre acreditou no poder transformador da educação e me encorajou a trilhar esse caminho.

Aos meus irmãos, pelas palavras de motivação ao longo dos anos de graduação.

À minha companheira, Beatriz, pelo apoio irrestrito.

À minha orientadora, Edmar Peixoto de Lima, pelo carinho, atenção e dedicação, acompanhando-me, incansavelmente, em cada etapa da construção desta monografia. Com o vasto conhecimento e, mormente, a grandiosa humildade, envolveu-me nas trilhas da pesquisa e me conduziu na realização deste trabalho.

Aos colegas de turma, pelos momentos de partilha de conhecimento; especialmente, aos que se tornaram respeitáveis amigos, Carlos Eduardo e Mateus, pela humildade e pela parceria nas discussões empreitadas sobre aspectos gramaticais e literários, ao longo do curso.

Às professoras que compõem a banca examinadora, pelas contribuições indispensáveis à finalização desta monografia.

Aos docentes da UERN, pelas valiosas discussões nas disciplinas do curso de Letras, as quais contribuíram para a formação acadêmica e para a atuação profissional.

Por fim, a todos aqueles que me ajudaram, de qualquer forma, na realização desta monografia.

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer” (GRACILIANO RAMOS, 2008).

## RESUMO

O objeto de estudo *texto*, constituído, mormente, no cerne das investigações da Linguística Textual, oportuniza a realização de diversas pesquisas atinentes aos fenômenos linguísticos, como a coesão textual, a qual revela inúmeras perspectivas analíticas quer de processos referenciais, quer de processos sequenciais. Desse modo, esta monografia promove uma inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição, inseridos no campo da coesão sequencial, com a finalidade de analisar as interfaces sintático-semânticas do fenômeno, sendo, nesse caso, a perspectiva sintática vinculada a fatores de ausência de um par ou de inadequação de posição dele, e a perspectiva semântica alicerçada nos aspectos de construção de sentidos dos elementos analisados no texto. Para tanto, orientam-nos os preceitos teóricos pertinentes à Linguística Textual e, nos meandros dessa, à coesão textual, baseados em Antunes (2005), Fávero e Koch (1988), Garcia (2010), Koch (1999, 2003, 2013, 2020), Oliveira Júnior (2015), Marcuschi (2012); ademais, pertinentes aos processos correlativos de adição, respaldam-nos Bechara (2015), Gervasio (2016), Rosário (2012), entre outros pesquisadores. A metodologia adotada são as pesquisas bibliográfica e qualitativa, nos pressupostos de base interpretativa, uma vez que são fundamentais para nortear a discussão tratada neste trabalho. Ainda acerca do ponto de vista metodológico da pesquisa, o *corpus* consiste em textos do gênero monografia, do curso de Letras - Português, selecionados dos repositórios de Universidades Federais do Brasil. Dessa forma, os resultados apontam não só que foram identificados 15 pares correlatos aditivos distintos nos textos, mas também que a inter-relação, se mantidas as recomendações de uso, não interfere nas perspectivas sintática e semântica; por outro lado, se não realizado o uso adequadamente, podem-se causar problemas nas perspectivas sintática e semântica; entretanto, há casos em que, mesmo com “inadequações” considerando os preceitos teóricos, é possível notar a continuidade de sentidos do texto. Por fim, esta pesquisa pode contribuir para os estudos até então realizados na esfera da coesão sequencial, vislumbrando aspectos sintático-semânticos da inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição na escrita de textos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Coesão sequencial. Paralelismo sintático. Processos correlativos de adição. Construção de sentidos. Texto.

## ABSTRACT

The object of this *text*, constituted, mainly, at the heart of the investigations of Textual Linguistics, makes possible the realization of several researches related to linguistic phenomena, such as textual cohesion, which reveals countless analytical perspectives both of referential processes and sequential processes. Thereby, this monography promotes an interrelation between the syntactic parallelism and the correlatives of addition processes, inserted in the sequential cohesion field, for the purpose of analyses the syntactic-semantic interfaces of the phenomenon, in which case, the syntactic perspective is linked to factors of absence of a pair or of inadequate position of the pair, and the semantic perspective based on the aspects of construction of meanings of the analyzed elements in the text. Therefore, we orient ourselves to the theoretical precepts pertinent to Textual Linguistics and, in the intricacies of this, textual cohesion, based on Antunes (2005), Fávero and Koch (1988), Garcia (2010), Koch (1999, 2003, 2013, 2020), Oliveira Júnior (2015), Marcuschi (2012); in addition, pertinent to the correlative processes of addition, we are supported by Bechara (2015), Gervasio (2016), Rosário (2012), among other researchers. The methodology adopted are the bibliographic and qualitative researches, in the assumptions of interpretative basis, considering that they are fundamental to guide the discussion treated in this work. Still on the methodological point of view of the research, the *corpus* consists of texts of the genre monography, from the course of Letters - Portuguese, selected from the repositories of Federal Universities of Brazil. In this way, the results point that not only 15 distinct additive correlated pairs were identified in the texts, but also that the interrelationship, if the recommendations for use are maintained, do not interfere in the syntactic and semantic perspectives; otherwise, if not used properly, problems can be caused in the syntactic and semantic perspectives; however, there are cases in which, even with “inadequacies” considering the theoretical precepts, it is possible to notice the continuity of meanings in the text. Lastly, this research can contribute to the studies carried out until then in the sphere of sequential cohesion, envisioning syntactic-semantic aspects of the interrelationship between syntactic parallelism and the correlative processes of addition in the writing of academic texts.

**Keywords:** Sequential cohesion. Syntactic parallelism. Correlative processes of addition. Construction of meanings. Text.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 PRECEITOS TEÓRICOS: DA LINGUÍSTICA TEXTUAL AOS PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO</b> .....	14
2.1 ABORDAGENS DA LINGUÍSTICA DO TEXTO.....	14
<b>2.1.2 Ponderações sobre a coesão textual</b> .....	19
2.1.2.1 Coesão sequencial.....	25
2.1.2.1.1 <i>Aspectos do paralelismo sintático e semântico</i> .....	26
2.2 PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO.....	32
2.3 INTERFACE SINTÁTICO-SEMÂNTICA ENTRE O PARALELISMO SINTÁTICO E OS PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO.....	36
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	40
3.1 CARACTERIZAÇÃO.....	40
3.2 CONSTITUIÇÃO E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	41
3.3 TRATAMENTO DOS DADOS.....	43
<b>4 PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOB O VIÉS SINTÁTICO-SEMÂNTICO</b> .....	47
4.1 DESCRIÇÃO DOS PARES CORRELATOS.....	47
4.2 PARALELISMO SINTÁTICO E PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO NA COESÃO SEQUENCIAL DA MONOGRAFIA.....	50
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68
<b>ANEXOS</b>	
<b>APÊNDICE</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Entendemos que os estudos pertinentes às relações que palavras, frases, orações, parágrafos estabelecem no texto nos levam a pensar no âmbito da Linguística Textual, na qual se desenvolveram as investigações, mormente, acerca da coesão e da coerência textuais. À luz dessa perspectiva linguística, as pesquisas atinentes aos aspectos linguísticos do texto ganharam relevância no sentido de descrever as relações que ocorrem em sua construção e as implicações para a compreensão do projeto de dizer dos locutores.

Nessa perspectiva, consideramos ser fundamental à produção textual, principalmente no domínio acadêmico, estabelecer as precisas associações sintático-semânticas na superfície linguística, as quais orientam o leitor ao entendimento do que desejamos expressar. Consoante Antunes (2005), as partes do texto se comunicam de tal forma que elas se encadeiam, de modo que podemos observar uma continuidade textual a partir de estratégias de retroação e de progressão. Dessa forma, a tessitura do texto ocorre pelas amarras necessárias à produção do sentido, sendo essa, a nosso ver, a finalidade precípua da escrita, na comunicação.

No bojo das investigações referentes à coesão textual, motivou-nos a realizar esta pesquisa o seguinte fato: notamos nos escritos de Antunes (2005) e de Garcia (2010) que o paralelismo sintático mantém estritas relações com os processos correlativos de adição, uma vez que o emprego das estruturas correlatas obedece a uma “simetria de construção” (ANTUNES, 2005, p. 64), de tal sorte que o emprego do primeiro par correlato (prótase) orienta/determina a presença do segundo (apódose), numa relação de correspondência, pois essa situação contextual exige a observância às estruturas similares (GARCIA, 2010).

Ademais, motivou-nos, também, o fato de não haver pesquisas que expressem o propósito de aliar o paralelismo sintático aos processos correlativos de adição em função da coesão sequencial. Isso significa que há pesquisas referentes tanto ao paralelismo sintático, tratando-o, especificamente, como objeto principal de análise, e não com ênfase no âmbito da coesão, quanto aos processos correlativos de adição, tratando-os como objeto de investigação nas perspectivas histórica e

funcional. É nesse sentido que nos diferenciamos das pesquisas já realizadas, o que torna esta uma contribuição aos estudos da coesão textual e, sobretudo, do texto. Além disso, utilizamos o texto acadêmico, monografia, na modalidade de trabalho de conclusão de curso na área de Letras, para constituir nosso *corpus* de pesquisa, sendo todos os escritos selecionados a partir de repositórios de universidades federais do Brasil, estando, pois, em domínio público. Dessas produções, espera-se ser marcadas pela obediência rígida ao padrão culto da língua, com o qual o escrevente deve prezar pela chamada “correta” expressão e, principalmente, pela clareza, de modo que, sobre esses aspectos, melhor desenvolvemos nossa pesquisa.

Por conseguinte, notamos o pressuposto de haver inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição de modo a refletir na progressão do texto e, conseqüentemente, dos sentidos. Estamos, pois, justificando esta pesquisa com base no pressuposto de que a inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição importa à coesão textual e, nesse contexto, à sequencial, como bem afirma Antunes (2005). Assim sendo, por um lado, se mantido o emprego das construções correlatas/paralelas, verificamos que nada há de interferência à progressão do texto; por outro lado, caso não se cumpra o emprego adequado, por haver quebra ou má colocação, podemos identificar prejuízos, mormente, à coesão, que constitui objeto principal deste trabalho, e, até, à coerência.

Posto isso, orientamos essa investigação pela seguinte questão de pesquisa: quais são as implicações sintático-semânticas da inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição para a manutenção da coesão sequencial no gênero textual monografia? Desse questionamento geral, elaboramos as demais questões, que subsidiam a construção dos nossos objetivos, a saber:

- Como o produtor do texto lança mão da inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição na produção da monografia?
- Quais pares correlatos são utilizados na seção de fundamentação teórica dos textos do *corpus*?
- De que forma as implicações sintático-semânticas são reveladas na inter-relação entre o paralelismo e os processos correlativos na coesão sequencial presente na monografia?

À vista desses questionamentos, estabelecemos, para este trabalho, o objetivo geral de investigar o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição, considerando os preceitos da coesão sequencial no gênero monografia de graduação. Por conseguinte, definimos como objetivos específicos,

- Identificar de que maneira o produtor textual utiliza os processos correlativos de adição consoante o paralelismo sintático na construção do texto;
- Descrever os pares correlatos identificados no *corpus* de pesquisa;
- Analisar de que forma a inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição implica, sintática e semanticamente, a manutenção da coesão sequencial na escrita do gênero monografia.

Com tais objetivos, buscamos, grosso modo, discutir os pressupostos teóricos pertinentes ao paralelismo sintático e aos processos correlativos; descrever as ocorrências de pares correlatos e, por fim, analisar as implicações sintático-semânticas da inter-relação entre os fenômenos elencados. Entretanto, é-nos preciso estabelecer os fundamentos teóricos em que nos baseamos para ancorar nossa pesquisa e, mormente, subsidiar nosso olhar analítico.

Antes, porém, é necessário destacarmos que há pesquisas tratando tanto do paralelismo sintático quanto dos processos correlativos de adição. No primeiro, podemos citar o trabalho de Borges (2011), que objetivou analisar ocorrências de paralelismo com a finalidade de expor os casos que motivam a ausência do paralelismo. No segundo, referimo-nos, principalmente, à pesquisa de Rosário (2012), o qual se vale dos processos correlativos em perspectivas micro, meso e macro-construções para considerar o processo da correlação diferente dos outros processos, tal como a coordenação e a subordinação. Dessa forma, podemos assegurar que a interface entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição torna-se profícua para os estudos pertinentes não só a essas categorias, mas também aos da coesão textual.

Sendo assim, filiamo-nos às pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística Textual, com discussões atinentes à sua historicidade, à coesão, à coesão sequencial e ao paralelismo sintático, sendo utilizados os pressupostos teóricos de Antunes (2005), Fávero e Koch (1988), Koch (1999, 2003, 2013, 2020), Garcia (2010), Oliveira Júnior (2015), Marcuschi (2012), entre outros. Outrossim, para abordarmos os preceitos dos processos correlativos, também nos valem de

Bechara (2015), Gervasio (2016), Rosário (2012), entre outros. Julgamos que tais perspectivas teóricas podem, desse modo, ser discutidas, visando à compreensão da fundamentação basilar para a investigação do fenômeno.

Assim, organizamos esta monografia de modo que o leitor possa, sem embargos, acompanhar o fio que guia todo o trabalho, a saber: na introdução, conforme vimos assinalando, fazemos o direcionamento da contextualização da pesquisa, evidenciando os motivos, a questão de pesquisa, os objetivos e as bases teóricas, bem como a trajetória deste trabalho; no segundo capítulo, mais precisamente seção de fundamentação teórica, realizamos um percurso histórico acerca da Linguística textual, discutimos abordagens da coesão textual e, com base nessa, do paralelismo sintático, dos processos correlativos de adição, e da interface entre esses dois elementos; no terceiro capítulo, seção destinada à metodologia, explicitamos a abordagem de pesquisa adotada, bem como a seleção e o tratamento dos dados do *corpus*, e abordamos o gênero textual monografia; no quarto capítulo, seção de cunho analítico, fazemos a descrição e a análise da inter-relação estudada e, por fim, nas considerações finais, concluímos esta pesquisa com a evidência dos resultados a que chegamos e com a apresentação de lacunas identificadas nesta monografia.

Diante disso, a realização da presente pesquisa se mostra relevante porque, ao discutirmos as relações do paralelismo com os processos correlativos de adição, desenvolvemos um olhar distinto e atencioso à coesão sequencial, aspecto importante não só para quem se aventura nos domínios da escrita fora da Universidade, mas também para quem recorre à escrita no âmbito universitário com produção de textos acadêmicos. Pretendemos, assim, contribuir para o ensino da escrita em Língua Portuguesa, oferecendo aos alunos e aos professores quer do ensino básico, quer do ensino superior um material analítico e teórico capaz de auxiliar na produção textual de modo geral e, sobretudo, na construção do texto na esfera acadêmica.

A fim de apresentar as bases de teoria desta pesquisa, no próximo segmento iniciamos a discussão dos fundamentos teóricos, uma vez que atendem às conjunturas traçadas, cuja relevância se dá pela compreensão do fenômeno. A seguir, iniciamos nossa trajetória pelo segmento de *Abordagens introdutórias da Linguística Textual*, seguindo-se os demais preceitos teóricos do trabalho.

## 2 PRECEITOS TEÓRICOS: DA LINGUÍSTICA TEXTUAL AOS PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO

Nesta seção da monografia, discutimos os principais pressupostos teóricos a fim de que possamos, sem embargos, construir os fundamentos, no qual apoiamos esta pesquisa. Assim sendo, fazemos uma explanação histórica da Linguística Textual, e, depois, uma contextualização a respeito da coesão textual, do paralelismo sintático e dos processos correlativos de adição, assim como, baseados nesses dois últimos, discorreremos acerca da interface sintático-semântica. E, por fim, apresentamos as relações existentes entre os fenômenos elencados para o estudo.

### 2.1 ABORDAGENS INTRODUTÓRIAS DA LINGUÍSTICA DO TEXTO

A Linguística Textual (doravante LT), de acordo com Koch (2013), surgiu na Europa, na década de 60. Porém, depois dos anos 70, já apresentando consistência teórica, deu nova roupagem aos estudos linguísticos no século XX. Isso porque tal área da linguagem se desenvolveu no momento em que os impulsos dos estudos sobre o texto não extrapolavam as questões puramente gramaticais, postuladas pela Linguística Estrutural, principalmente com as análises limitadas às frases.

Dessa influente tendência notamos o distanciamento da LT, uma vez que a perspectiva de investigação desta “consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 11). É nesse sentido, pois, que percebemos a dissonante forma de tratamento com a unidade de análise, fazendo com que a LT proporcionasse um novo olhar para os estudos do texto, indo “além dos limites da frase” (BENTES, 2001, p. 245).

Consoante o afastamento da LT em relação à Linguística Estrutural, é válido acentuarmos a definição que lhe dá Marcuschi (2012, p. 33), propondo-a

como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção de sentido no plano das ações intenções.

Já nos é demonstrado que o papel do texto exerce cabal importância nas investigações dos fenômenos linguísticos na LT. Importa, pois, comentarmos os seus três momentos, apesar de não haver precisão cronológica de quando cada um engendrou os seus postulados, a saber: a análise transfrástica, a construção de gramáticas textuais e a teoria do texto (FÁVERO; KOCH, 1988).

A primeira fase denominada de análise transfrástica rompeu, mais especificamente, com a tradição que se construiu na visão do estruturalismo. De acordo com Fávero e Koch (1988, p. 13), “Seu principal objetivo é o de estudar os tipos de relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa”. Nesse sentido, as análises se orientam a partir da frase, observando as relações que estruturam uma porção textual maior, até chegar ao texto, com a finalidade de investigar de fenômenos outros não passíveis de explicação pelas teorias sintáticas e semânticas até então praticadas.

Essa vertente de pesquisa preocupou-se, como se disse, com as análises cujas explicações ultrapassassem os limites da frase. Tem-se, então, a co-referenciação (BENTES, 2001). Esse fenômeno, a que atualmente se chama coesão referencial, foge às simples conceituações frasais e só é factível de análise no interior do texto, considerando a análise transfrástica. Tal ocorrência pode ser melhor compreendido com este exemplo: “Pedro foi ao cinema. Ele não gostou do filme.” (BENTES, 2001, p. 247).

Segundo Bentes (2001), não adotando a perspectiva de uma análise meramente baseada na substituição do substantivo pelo pronome, importa-nos dizer que o pronome possibilita “a construção da imagem do referente (“Pedro”) por parte do ouvinte (2001, p. 248)”. Nessa perspectiva, vemos que saímos do ínfimo conceito de substituição e passamos a visualizar o pronome sob uma perspectiva textual, de modo que recuperamos o referente *Pedro*, mormente, pelas predicções, como chama Bentes, no segundo período fornecidas.

Na segunda fase da Linguística Textual, ao considerar o conhecimento do sujeito atinente às relações frasais e a prerrogativa de que há textos que não apresentam a co-referenciação, postulou-se a elaboração de gramáticas textuais, a qual tinha a “finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado” (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 14). Segundo Bentes (2001, p. 249),

as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. Neste período, postulava-se o texto como unidade teórica formalmente construída, em oposição ao discurso, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída.

Ainda nessa segunda fase, postularam-se as competências textuais do falante, principalmente com base nos escritos de Charolles (1989), citado por Bentes (2001). Charolles (1989) argumenta que o locutor possui três capacidades textuais, a saber: a competência formativa, na qual o falante tem a capacidade de produção e compreensão de um contingente de textos ilimitados, além de ser possível fazer uma avaliação; a competência transformativa, na qual o falante pode transformar um texto, ou seja, resumir, reformular e parafrasear; a competência qualitativa, na qual pode o falante reconhecer e classificar um texto de tipo descritivo, narrativo, argumentativo, além de ser-lhe possível a produção de um texto em um tipo especial. Essas descrições das competências/habilidades dos falantes aproximaram a segunda fase da perspectiva do gerativismo, percebendo, claramente, a influência deste no desenvolvimento das investigações.

Para Koch (2003), os dois momentos iniciais da Linguística Textual, de tendência precipuamente gramatical, centravam-se, no primeiro, em análises transfrásticas e, no segundo, em descrição das competências dos falantes. Tal perspectiva dava primazia aos estudos da coesão e da coerência, sendo esta, nesse período, equivalente àquela, já que ambas eram consideradas propriedades capitais do texto.

A terceira fase da Linguística Textual, que se originou a partir das insuficiências das gramáticas textuais em explicar os fenômenos, foi reconhecida como teoria do texto. Nessa vertente “o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições - externas ao texto - da produção, da recepção e da interpretação do texto” (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 15).

Nesse sentido, essa fase “propõe-se a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso” (BENTES, 2001, p. 251). Houve, assim, um deslocamento no que diz respeito às correntes anteriores, isso porque as preocupações sobre o texto associaram-se ao contexto pragmático,

importante aporte para esse momento. Por conseguinte, “o texto passa a ser estudado no seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas” (BENTES, 2001, p. 247).

Em síntese, as três fases do desenvolvimento da Linguística Textual: i) a primeira, voltada para a análise transfrástica, procurou estudar fenômenos que não se limitavam à análise da frase; ii) a segunda, voltada para a elaboração de gramáticas textuais, procurou descrever as competências dos falantes, aproximando-se do Gerativismo; iii) a terceira, voltada para o texto, desenvolveu uma teoria que tentava descrever, principalmente, o processo de construção e de recepção do texto, relacionando-o ao contexto.

O desenvolvimento teórico-analítico da LT viabilizou que pesquisadores de vários países começassem a se dedicar aos estudos alinhados a essa nova vertente das investigações linguísticas. Tal fato ocorreu, também, no Brasil, e, de acordo com Koch (1999), no final da década de 70, começaram a se desenvolver em nosso país os primeiros trabalhos acerca da Linguística Textual, aos quais podemos chamar da primeira fase. Entretanto, depois da década de 80, os estudos adquiriram proporções maiores, o que se deve ao fato de haver, inicialmente, a publicação do trabalho *Por uma Gramática Textual*, de Ignácio Antônio Neis, em 1981, na revista *Letras de Hoje*, da Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande do Sul (KOCH, 1999).

Com isso, estenderam-se os domínios da LT, de modo que se registrou a publicação de dois livros, em 1983, momento em que essa área ganhou maior destaque nos estudos no Brasil. Um deles foi o livro de Leonor L. Fávero e Ingedore G. Villaça Koch, cujo título é *Linguística Textual: Introdução*, e o outro de Luiz Antônio Marcuschi, com o título *Linguística de texto: O Que é e Como se Faz*. A partir disso, muitos trabalhos foram desenvolvidos em Universidades do país, com publicações em diversas revistas com temáticas referentes a essa ciência.

As perspectivas teóricas discutidas durante a década de 80 baseavam-se, principalmente, nos pressupostos de que “grande parte dos trabalhos dessa primeira fase fundamentou-se em Halliday & Hasan (1976), no tocante à coesão e em Beaugrande & Dressler (1981), no que se refere aos fatores de textualidade.” (KOCH, 1999, p. 169). Entre os temas abordados, não houve, por parte dos pesquisadores brasileiros, apenas uma participação de revisão teórica, os

estudiosos desenvolveram posicionamentos críticos sobre o assunto, como o questionamento acerca da coerência, sobre a qual propunham uma visão à parte. Ou seja, asseveravam a coerência não mais como um fator da textualidade, mas como um macro-fator do qual era resultante a partir do conjunto dos outros elementos (KOCH, 1999).

Na segunda fase, em 1989, outras obras surgiram com o propósito de disseminar as pesquisas que até então estavam sendo desenvolvidas, a saber: *A coesão Textual, de Koch; Texto e Coerência, de Koch e Travaglia; e A Coerência textual, de Koch e Travaglia*. Nesses trabalhos, foram abordados aspectos da coesão, na qual Koch apresenta as duas grandes modalidades – referencial e sequencial -, e da coerência, na qual se estabeleceram noções básicas, conforme Charolles (1987), a saber:

1.a coerência não constitui mera qualidade ou propriedade do texto em si; 2. em decorrência de 1, ela não se confunde com a coesão, a qual não é condição nem necessária nem suficiente da coerência; 3. a coerência resulta da atuação conjunta de uma complexa rede de fatores, de ordem lingüística, cognitiva, sociocultural, interacional etc (KOCH, 1999, p. 170-171).

Em continuidade aos estudos desenvolvidos no Brasil, já nos primeiros anos da década de 90, dois pesquisadores, Koch e Marcuschi, foram destaque nos estudos da área e se veicularam às premissas que tratam da perspectiva sócio-interacional da linguagem e dos processos e estratégias sócio-cognitivos, envolvidas no processamento textual. Essa nova abordagem proporcionou uma aproximação com as ciências humanas, como a psicologia cognitiva, a sociologia interacional entre outras.

Nesse sentido, Koch (1999, p. 171) considera que

Os principais objetos de pesquisa, dentro do enfoque mencionado, têm sido a estrutura e o funcionamento da memória, bem como as formas de representação dos conhecimentos, seu acesso, utilização, recuperação e atualização, por ocasião do processamento de textos; as principais estratégias de ordem sócio-cognitiva, interacional e textual postas em ação durante o processo de produção/ intelecção; e, ainda, as estratégias de 'balanceamento' do implícito/explicito

Assim sendo, depois da metade da década de 90, voltaram-se as pesquisas, entre outros aspectos, para o tratamento de fenômenos atinentes ao texto, em especial à referenciação, bem como para a contribuição da LT na área do ensino de língua materna. Dessa maneira, notamos que a Linguística Textual influenciou, e ainda influencia, os estudos brasileiros, mormente no que diz respeito às investigações a partir do texto, tomando este como principal objeto de análise.

Nesta primeira seção, cuja perspectiva se deu pela descrição da Linguística Textual ao longo de seu surgimento até a chegada ao Brasil, foi-nos possível observar os caminhos percorridos pela orientação dos estudos linguísticos que elegeu o texto como objeto precípua de investigação. Na próxima seção, por conseguinte, passaremos a discutir a teoria que nos parece valiosa para a realização desta pesquisa, a saber: a coesão textual.

### **2.1.2 Ponderações sobre a coesão textual**

Ao produzir um texto, o autor aplica, inconscientemente, ou não, os elementos da textualidade. Fica-nos, enquanto pesquisador, a responsabilidade de identificá-los numa análise minuciosa do texto. Entretanto, apesar de haver elementos outros, dedicar-nos-emos a discutir, com ênfase, a coesão, por ser matéria principal nesta seção. Nesse sentido, apresentamos, brevemente, os desdobramentos das pesquisas sobre a coesão textual, baseando-nos, mormente, nas perspectivas teóricas de Antunes (2005) e Koch (2013), nas quais apoiamos alguns de nossos posicionamentos.

No texto, palavras, frases, períodos e parágrafos mantêm uma relação de correspondência no sentido de haver uma ligação entre eles, a qual é construída por meio de mecanismos responsáveis pela progressão de sentido a partir das “relações textuais” (ANTUNES, 2005, p. 52) estabelecidas pelas partes que compõem o texto. Não estamos, claramente, referindo-nos à produção de frases que, sem qualquer relação umas com as outras, são isoladas, não se ligam, não se conectam para fazer sentido. A respeito dessa conjuntura, ressaltamos que, conforme Antunes (2005),

Tudo vem em cadeia, encadeado, umas partes ligadas às outras, de maneira que nada fica solto e um segmento dá continuidade a outro. O que é dito em um ponto se liga ao que foi dito noutro ponto, anteriormente e subsequente. Assim, cada segmento do texto – da palavra ao parágrafo – está preso a pelo menos um outro (ANTUNES, 2005, p. 46).

Estamos, portanto, afirmando haver, na construção do texto, uma relação afim entre as palavras que compõem a sequência linguística, isso porque a organização da superfície textual, a qual compreende as relações estabelecidas no texto, proporciona a continuidade do sentido pretendido pelo interlocutor, ou seja, “a continuidade da sequência textual deve ajustar-se à continuidade do sentido pretendido” (ANTUNES, 2009, p. 64). Dessa forma, há possibilidade de produzirmos um texto que, primeiro, atenda às relações linguísticas enquanto superfície textual, e que, segundo, forneça ao leitor as pistas para a construção do sentido, havendo, assim, um *continuum* entre o texto e o seu interlocutor na produção de sentidos.

Conforme Oliveira Júnior (2015), faz-se necessário acrescentar que a textualidade, nesse processo de articular as frases soltas, deixa de marcar apenas um conjunto de palavras para criar amarras entre as partes do texto, de modo a se tornar um construto veiculador de sentido. Desse modo, sabemos que a coesão textual é, evidentemente, um importante fator da textualidade, pois atua como uma articulação nos diversos níveis do texto.

Nessa perspectiva, de acordo com Antunes (2005, p. 47), a coesão é a “propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Desse modo, entendemos que a unidade de sentido é, em parte, promovida pela coesão, da qual se criam e se sinalizam as ligações presentes no texto.

Para Koch (2013, p. 18), ao falarmos em coesão, referimo-nos “a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. Inferimos que a coesão, assim como apresentado em Antunes (2005), está relacionada à noção de voltar ao que se referiu antes e, também, de sinalizar as menções que podem ser feitas no decorrer do texto.

Nesse sentido, a coesão textual, para Cavalcante e Pauliukonis (2018, p. 17), é o processo pelo qual se faz a “articulação entre construções sintático-semânticas e unidades tópicas do texto. Não deve ser compreendida, portanto, como o mero

emprego de elos linguísticos, manifestados explicitamente na imanência do texto.” Não se há que falar, pois, do simples emprego dos elementos coesivos, uma vez que se deve vê-la num *continuum* de relações existentes desde a estruturação das palavras a formação dos parágrafos, proporcionando ao texto a continuidade necessária da progressão textual. Diante desses posicionamentos frente à definição de coesão, sabemos que eles compartilham o mesmo ideal, qual seja: afirmar que a coesão não só retoma, no sentido de volta ao dito, mas também aponta, no sentido de promover, mais especificamente, a continuação do texto, do sentido.

Definidos os pressupostos iniciais acerca da coesão textual, atentamo-nos aos processos ou mecanismos que a promovem. Para tanto, valemo-nos dos preceitos teóricos, sobretudo, de Antunes (2005) e de Koch (2013), com a finalidade de explorarmos os posicionamentos das autoras para que possamos tomar, na seção em que tratamos do paralelismo sintático, um posicionamento atinente à modalidade de coesão em que se insere o paralelismo, já que, por decisões teóricas, torna-se tarefa indispensável nesta pesquisa.

Na perspectiva de Antunes (2005), existem três processos pelos quais são promovidas as relações da coesão, a saber: a reiteração, a associação e a conexão. Tais processos dividem-se em procedimentos, a partir dos quais se derivam os recursos. Antes, abordemos os processos e/ou relações, à vista das limitações existentes neste trabalho.

Consoante as palavras de Antunes (2005, p. 52), as relações estabelecidas pela reiteração pautam-se na perspectiva de que

é a relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo *retomadas*, criando-se um movimento constante de volta *aos segmentos prévios* – o que assegura ao texto a necessária *continuidade* de seu fluxo, de seu percurso -, como se um fio o perpassasse do início ao fim.

Percebemos que a reiteração é o processo pelo qual há uma volta ao que, no texto, foi mencionado anteriormente, retomando-o e sinalizando-o na continuidade. E, por intermédio dessa relação, é possível observarmos a continuação do sentido, da unidade temática de que fala Antunes (2005). Esse processo ocorre, principalmente, pelo emprego de outros termos ou expressões que retomam o que o autor disse antes por meio da substituição e da repetição. O paralelismo sintático,

objeto precípua deste trabalho, está inserido nos processos de repetição, por nele haver a recorrência de estruturas similares, voltando-se, pois, à estrutura anterior.

As relações de associação, por sua vez, dizem respeito ao fato de haver proximidade de sentido. Dessa forma,

A *associação* é o tipo de relação que se cria no texto graças à ligação de sentido entre as diversas palavras presentes. Palavras de um mesmo campo semântico ou de campos semânticos afins criam e sinalizam esse tipo de relação (ANTUNES, 2005, p. 53-54).

Por esse viés, podemos afirmar que, na associação, fica-nos evidente um processo de retomada não por repetição, mas sim de substituição por palavras que tenham afinidade no que diz respeito ao sentido ou que ganham significado afim no contexto.

O processo de coesão por conexão obriga-nos a entender que ele acontece não só ligando, mormente, orações, mas também estabelecendo relações semânticas, de modo que “corresponde ao tipo de relação semântica que acontece especificamente *entre orações* e, por vezes, entre períodos, parágrafos ou blocos supraparagráficos” (ANTUNES, 2005, p. 54-55). Nesse sentido, os elementos responsáveis por estabelecer essa relação são as “*conjunções, preposições e respectivas locuções*”, os quais “indicam a relação semântica que pretendemos estabelecer entre aqueles segmentos” (ANTUNES, 2005, p. 55, grifos do autor). Então, por conexão, compreendemos a ligação entre as partes do texto não por repetição ou substituição, mas por elementos linguísticos capazes de estabelecer a ligação entre as partes do texto (ANTUNES, 2005).

Por outro lado, na perspectiva de Koch (2013), existem dois processos importantes nas relações ocorridas no texto, a saber: a coesão referencial e a coesão sequencial. Esses processos atuam de modo que as partes do texto se ligam a uma progressão tanto no sentido de volta ou de à frente no texto quanto na conexão entre as partes que o compõem.

Ao primeiro processo pertinente aos estudos da coesão, Koch (2013, p. 31) afirma que a coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro (s) elemento (s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”. Nesse sentido, percebemos haver, no texto, elementos que podem ser retomados, além de ser passível de interpretação por parte do leitor,

estabelecendo a volta ao dito, numa relação de referenciação. Ademais, nessa perspectiva, declara Koch (2013) que, quando se fala no primeiro elemento, chamamo-lo de forma referencial, podendo ser, remissiva e, quando se fala no segundo, de elemento de referência, ou seja, referente textual.

Entretanto, esclarecemos que o processo de remissão diz respeito não só à volta ao que foi dito, mas também ao fato de indicar o que será posto no texto. Ou seja, a remissão “pode ser feita para trás e para frente, constituindo uma anáfora ou uma catáfora” (KOCH, 2013, p. 31). Nessa perspectiva, anáfora refere-se ao *para trás*, ao passo que a catáfora, ao *para frente*. Mais esclarecedor fica-nos se observarmos alguns exemplos da autora supracitada. Vejamos:

1. “O homenzinho subiu correndo os três lances de escadas. Lá em cima, *ele* parou diante de uma porta e bateu furiosamente. (anáfora) (KOCH, 2013, p. 31)”.
2. “Ele era tão bom, *o meu marido!* (catáfora) (Ibidem)”.

Assim sendo, depreendemos que a coesão referencial diz respeito à perspectiva de as *relações textuais* estabelecerem-se tanto na indicação de volta quanto na indicação à frente no texto, por meio da remissão. Essa relação se constrói a partir de formas gramaticais presas<sup>1</sup> (artigos, pronomes adjetivos, e numerais cardinais ou ordinais), de formas gramaticais livres<sup>2</sup> (pronomes pessoais de 3ª pessoa, pronomes substantivos e advérbios pronominais), além de formas remissivas lexicais (sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos) (KOCH, 2013).

O outro processo apresentado por Koch (2013) refere-se ao modo pelo qual as partes maiores do texto constroem a continuidade, ao qual a autora chama de coesão sequencial. Essa modalidade

diz respeito aos procedimentos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 2013, p. 53).

---

<sup>1</sup> Koch (2012, p. 33, grifos da autora) afirma que “as formas presas só funcionam ligadas a outras, como o prefixo *re* em *revender* e a marca de plural em *livro-s*”.

<sup>2</sup> As formas livres, para Koch (2012, p. 33, grifos da autora), são “uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente conforme *livros* no enunciado: ‘O que você vai revender?’ ‘*livros*’”.

Nesse sentido, podemos entender que a coesão sequencial é “um fenômeno que se circunscreve às conexões existentes entre os elementos presentes na superfície do texto” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 78). Isto é, consideramos que a coesão sequencial está ligada à perspectiva de o texto ganhar uma progressão a partir de relações estabelecidas por meio de elementos da língua, os quais desencadeiam as relações entre frases, orações, períodos ou até partes superiores ao parágrafo.

Koch (2013) apresenta a sequenciação frástica, na qual não há elementos recorrentes, de forma estrita, e a sequenciação parafrásticas, na qual há recorrência de elementos. Nesse último, Koch (2013) discute as recorrências de termos, de estruturas, de conteúdos semânticos, de recursos fonológicos e de tempo e aspecto verbal. Desse modo, afirmamos que o paralelismo sintático está inserido nesta última modalidade, apresentando-se na recorrência de estruturas, as quais se expressam com a finalidade de atribuir progressão ao texto. Assim, assumimos que se observam os elementos e/ou estruturas que podem ser recorrentes ou não na superfície textual.

Apesar de não ser o foco deste trabalho abordar a coerência, precisamos versar a respeito da discussão entre ela e a coesão. Não podemos afirmar que elas são partes indissociáveis, isso porque há textos nos quais se nota a coerência (ANTUNES, 2005), entretanto não se percebe a coesão devidamente estabelecida. Embora não se constitua fator necessário, a coesão pode dar ao texto mais condições para que ele seja entendido, já que nos são explicitadas as relações textuais na organização do texto (KOCH, 2013).

Por esse prisma, coadunamos com o posicionamento de Oliveira Júnior (2015, p. 66), o qual, a partir de suas reflexões sobre a relação entre coesão e coerência, afirma que “a coesão é relevante para a constituição da coerência, haja vista que envolve processos de referenciação e de progressão tópica que contribuem para a atividade interpretativa da coerência”. Assim, constatamos que a coesão, apesar de não necessária ao texto, “é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência” (KOCH, 2013, p. 18).

Apresentados as definições e, brevemente, os desdobramentos da coesão textual, percebemos que sua importância para o texto se revela quando precisamos estabelecer relações de sentido por meio da organização das partes que compõem um texto. Assim, ativamos um movimento de volta e de ida, que se imbricam, com a

finalidade manifestar o sentido que queremos emprestar às palavras, a partir da relação de umas com as outras. Dessa forma, já nos é suficiente a discussão acerca da coesão textual, de modo que podemos avançar nos pressupostos teóricos, tratando, na seção seguinte, da coesão sequencial e do paralelismo sintático.

#### 2.1.2.1 Coesão sequencial

Ao tratarmos da coesão sequencial, discutimo-la de modo geral, isto é, não julgamos pertinente discorrer sobre todos os processos que a compõem, uma vez que seria abundante teoria para os objetivos deste trabalho. Porém, ressaltamos que tal postura resulta do fato de que precisamos abordar o paralelismo sintático nessa modalidade de coesão, vez que a ele, detalhadamente, devemos nos dedicar. Ademais, adotamos, como aporte teórico, Koch (2013), porquanto com ela concordamos acerca da modalidade de coesão na qual se situa o paralelismo sintático.

A coesão sequencial, como objeto de estudo e de reflexão, vem ampliando as abordagens de pesquisa desde as primeiras fases da LT, envolvendo não só questões mais voltadas a explicitações teóricas, mas também a relações com o ensino de língua materna. Oliveira Júnior (2015, p. 78) destaca a importância deste tema, argumentando que a coesão sequencial torna possível o preenchimento de “relações de interdependência entre segmentos textuais distintos, favorecendo a progressão textual”, sinalizando as relações de sentidos que mobilizam os diversos processos de progressão textual, por meio dos quais o escrevente elabora seu texto.

Para Koch (2013), o processo da coesão sequencial ocorre em dois planos, a saber: sequenciação frástica e sequenciação parafrástica. No primeiro, não há utilização de elementos de recorrência, já que se empregam, principalmente, palavras que ligam as frases, ou melhor, os chamados conectores. No segundo, porém, ocorre relação distinta, porque há presença de elementos de recorrência, como, por exemplo, o paralelismo sintático e a paráfrase. Para a referida autora, acentuamos que o paralelismo ocorre na coesão sequencial, pelo viés da sequenciação parafrástica, a qual é construída por meio de recorrência de termos, de estruturas, entre outros.

Pensar, pois, a coesão sequencial é ressaltar a sua importância para a progressão de texto e de sentido. Koch (2020, p. 101) afirma que “a progressão

textual, por sua vez, necessita garantir a continuidade de sentidos, o constante ir-e-vir entre o que foi dito e o vir-a-ser dito responsável pelo entretecimento dos fios do discurso”. Entendemos que a progressão textual, tarefa precípua do paralelismo sintático, é diretamente ligada ao fato de os elementos linguísticos não só poderem fazer no texto um movimento de retroação e de progressão (KOCH, 2020), mas também sinalizarem a continuação do sentido do texto. Vai-se, nessa perspectiva, construindo informações novas a partir de dados já alicerçados na superfície textual por meio de relações lógico-semânticas e/ou discursivo-argumentativas.

Entendemos os tipos de relações citadas anteriormente apoiados na conjuntura de que, nas primeiras, as imbricações se limitam ao nível da oração, conforme inferimos de Koch e Elias (2020, p. 132, grifo das autoras), ao assegurar que as relações lógico-semânticas “estabelecem uma relação entre o conteúdo de duas orações”. Já nas de tipo discursivo-argumentativas, ampliam-se as possibilidades de usos, uma vez que “determinam relações entre dois ou mais enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro que é tomado como **tema**”. Desse modo, conforme orientam as autoras, a conjunção, que engloba os processos correlativos, está justamente no segundo tipo.

Nessa conjuntura, como salientamos no limiar desta seção, não escolhemos apresentar todos os processos da coesão sequencial, de modo que damos ênfase, especialmente, ao paralelismo, sabendo que a discussão sobre tal componente da coesão sequencial não se esgota nesta pesquisa. Vejamo-lo na próxima seção.

#### *2.1.2.1.1 Aspectos do paralelismo sintático e semântico*

O paralelismo sintático e semântico é tema imprescindível aos processos de progressão textual, uma vez que, por meio dele, o produtor do texto lança mão da repetição de estruturas sintáticas para estabelecer uma relação de coordenação dos elementos lexicais. Para entendermos melhor esse mecanismo da coesão sequencial, discutimos as noções de paralelismo sintático em Antunes (2005), Koch (2013) e Garcia (2010), entre outros.

Ao tratar do paralelismo sintático, Garcia (2010) ressalta o processo de coordenação no Português, que ocorre, principalmente, por não haver relação de dependência sintática, mas sim de independência, no sentido de que é

sintaticamente independente, porém, como alerta o referido autor, semanticamente, não<sup>3</sup>. Podemos, ainda, falar da coordenação como “um processo de encadeamento de ideias” (GARCIA, 2010, p. 42). Assim, compreendemos que o paralelismo “de funções ou valores sintáticos idênticos” (GARCIA, 2010, p. 42) está inserido no processo da coordenação, o qual se constrói por meio de conjunções coordenativas, de ordem aditiva, alternativa, adversativa, explicativa e conclusiva.

Percebemos que, mencionando a coordenação, o paralelismo sintático lhe está diretamente relacionado, porque há, nesse nível, coordenação de palavras, de frases e de orações. Nesse sentido, Garcia (2010, p. 53) afirma que “a ideias similares deve corresponder forma verbal similar. Isso é o que se costuma chamar *paralelismo* ou simetria de construção”. Quando falamos de paralelismo, estamos, portanto, referindo-nos a estruturas que se unem a outras estruturas, de forma semelhante, coordenando-se.

A noção de paralelismo que Koch (2013, p. 56) nos apresenta é a de que “a progressão se faz utilizando-se as mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes”. Fica-nos evidente que o paralelismo sintático já se revela como estruturas sintáticas que se correspondem, no sentido de haver uma progressão do texto. Desse modo, a autora salienta que as estruturas, responsáveis pela continuidade do texto, são preenchidas com itens lexicais distintos, como se apresentam, em nossa pesquisa, os processos correlativos de adição.

Antunes (2005), por sua vez, aborda o paralelismo na relação de reiteração, a qual abriga os procedimentos de substituição e repetição. Na repetição, em que se dá uma volta a expressões anteriores, está inscrito o paralelismo. Para Antunes (2005, p. 63-64),

O paralelismo é um recurso muito ligado à coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos, o que nos leva a prever que os elementos coordenados entre si apresentem a mesma estrutura gramatical. Ou seja, a *unidades semânticas similares* deve corresponder uma *estrutura gramatical similar*. É o que se chama, comumente, de *paralelismo* ou *simetria de construção*. (Grifos da autora)

Em consonância com as conceituações de Garcia (2010), Antunes (2005) também menciona a coordenação de elementos. Dessa forma, cremos que o

---

<sup>3</sup> Para mais esclarecimentos, indicamos a leitura de *Comunicação em prosa moderna*, de Othon Moacyr Garcia.

paralelismo, conforme nos indicam as palavras dos autores citados, diz respeito ao modo pelo qual empregamos, seja pela coordenação, como fala Antunes (2005) e Garcia (2010), seja pela recorrência, como fala Koch (2013), estruturas que tenham correspondência em outra estrutura que a antecede, ou que a precede.

Neste ponto<sup>4</sup>, precisamos afirmar que o estudo do paralelismo sintático revela posições distintas quanto à modalidade de coesão para as duas autoras. Enquanto Antunes (2005) trata do paralelismo no processo de reiteração, ou seja, de volta ao dito, Koch (2013) relaciona o fenômeno à modalidade da coesão sequencial, no sentido de promover a continuidade do texto. Diante desse contexto, o que nos apresenta é: como definir a posição que o paralelismo ocupa nos estudos da coesão textual?

Essa questão exige que dediquemos, essencialmente, atenção à teoria, porque as nossas reflexões versam sobre conceitos de autoras cujos trabalhos se configuram em notável reconhecimento na área. Em resposta, pois, à indagação, notamos que não nos parece viável enclausurar o paralelismo em uma das possibilidades da coesão, já que há, claramente, justificativas para tais posicionamentos.

Para que melhor compreendamos esta questão, torna-se salutar considerarmos as palavras de Koch (2013, p. 77), para a qual, discutindo as aproximações entre a coesão referencial e sequencial, afirma que “o próprio uso de formas remissivas, retomando referentes do texto para se tornarem suportes de novas predicções, não deixa de contribuir para a progressão do texto, aproximando-se, pois, dos mecanismos de sequenciação parafrástica”.

Depreendemos que o paralelismo pode ser visto pelas duas noções de coesão, conforme menciona Koch (2013) a respeito das aproximações entre as modalidades de coesão textual. Portanto, o paralelismo se mostra tanto como um recurso da coesão por reiteração – para Antunes (2005), no sentido de volta a uma estrutura anterior, quanto como um recurso da coesão por sequenciação – para Koch (2013), no sentido de progressão do texto.

No entanto, havendo motivos para considerar o paralelismo um recurso da coesão referencial e/ou da coesão sequencial, justificamos que, nesta pesquisa,

---

<sup>4</sup> Esta discussão também foi realizada por Humberto Borges (2011). Para ele, sem posicionar-se frente a uma das modalidades, o paralelismo ‘gramatical’ diz respeito tanto ao estilo que o autor emprega ao escrever um texto, quanto à exigência na produção do texto, referência essa à coesão e à coerência.

adotamos o posicionamento de Koch (2013), isto é, o paralelismo é um recurso pertencente à coesão sequencial. Tal adesão ao pensamento de Koch (2013) se justifica porque julgamos haver nos processos correlativos de adição uma estratégia não de volta a uma palavra, a uma frase expressa anteriormente, mas de continuidade ao texto. Se estamos falando de estruturas paralelas, as quais ocorrem em correspondência, ou seja, o emprego de um par determina o do outro, podemos afirmar que elas não se reportam a qualquer parte do texto que lhes seja anterior, isto é, não há, portanto, possibilidade de referência, de volta à porção textual. Daí resulta nossa concordância de o paralelismo sintático ser visto, neste trabalho, na modalidade da coesão sequencial.

Quanto à rigidez do paralelismo para a escrita, Garcia (2010) argumenta que ele não impõe, como característica fixa, uma norma que se deve a todo custo seguir. Isto é, “trata-se, portanto, de uma diretriz, mas diretriz extremamente eficaz, que muitas vezes saneia a frase, evitando construções incorretas, algumas, inadequadas, outras” (GARCIA, 2010, p. 53).

Devemos, pois, considerar a variabilidade de uso do paralelismo, já que não nos apresenta como uma norma regulamentadora do uso; porém, não podemos descartar as possibilidades de mantê-lo íntegro na frase, evitando, assim, frases inadequadas e incorretas, sob a negligência de suas formas e da construção do sentido. Assim sendo, Sautchuk (2018, p. 137) afirma que “o paralelismo sintático é um mecanismo de construção de enunciados que permite não só melhorar a clareza da expressão escrita, como também acrescentar a ela um toque de pura elegância estilística”. Tal recurso da coesão sequencial, fundamental na organização sintática da frase, acentua as relações que veiculam sentidos precisos, não incorrendo, dessa forma, nos deslizos da comunicação escrita que muito prejudica a clareza da expressão.

No que diz respeito à orientação dos sentidos, é fato que, conforme assinala Koch e Elias (2020), o paralelismo sintático é fortemente marcado por uma função persuasiva, ou seja, mobiliza, por meio dos elementos linguísticos, uma intenção argumentativa do produtor do texto. É nesse sentido que concebemos, em especial, a inter-relação entre paralelismo e processos correlativos de adição, estratégia de emprego que muito demonstra as pretensões do locutor ao usá-la para realçar informações e, assim, orientar os modos de pensar do leitor/ouvinte.

Esse fato se mostra essencial à escrita de textos, principalmente, acadêmicos, uma vez que neles se deve assegurar uma linguagem guiada pelos meandros das orientações normativas, para assinalar, na materialidade linguística da escrita, as relações sintático-semânticas orientadoras de sentido ao leitor. Não seguindo, pois, as orientações que nos recomenda o paralelismo, podemos não apresentar a utilização de recursos da coesão, tornando o texto, nessa perspectiva, falho quanto às formas linguísticas e à produção de sentidos, o qual orienta o leitor, conforme Antunes (2005). Para a autora,

O paralelismo não constitui propriamente uma regra gramatical rígida. Constitui, na verdade, uma diretriz de ordem estilística – que dá ao enunciado uma certa harmonia – e constitui ainda um recurso da coesão – que deixa o enunciado numa simetria sintática que é por si só articuladora (ANTUNES, 2005, p. 64).

Por esse prisma, nas construções que não seguem o parâmetro do paralelismo, notamos a possibilidade de identificar frases inadequadas em relação ao emprego de estruturas correspondentes, o que, substancialmente, pode interferir na continuidade do texto, por não se obedecer à “simetria de construção”. Visualizamos melhor na exemplificação dada por Garcia na frase “Não saí de casa *por estar chovendo e porque era* ponto facultativo” (GARCIA, 2010, p. 53). Nesse caso, percebemos que a coordenação de orações subordinadas causais ocorre de modo distinto em relação à oração principal. A primeira oração é reduzida de infinitivo, introduzida pela preposição *por*. A segunda, entretanto, é desenvolvida, introduzida pela conjunção causal *porque*. Assim, indicamos que seja reescrita, por exemplo, adequando-se as formas: ou tornar ambas reduzidas “por ser ponto facultativo”, ou tornar ambas desenvolvidas “porque estava chovendo” (GARCIA, 2010).

Em relação ao paralelismo semântico, há uma encadeação de ideias, de sentidos, uma vez que se observam não mais as estruturas, mas as significações que elas indicam. Antunes (2005, p. 68) comenta que

o paralelismo também deve ocorrer no âmbito semântico do enunciado. Isto é, as ideias também se devem associar numa correlação lógica ou argumentativa, guardando-se o princípio da simetria de planos, de níveis ou de domínios para os quais essas ideias remetem.

Consideramos, portanto, que o paralelismo pode ocorrer não só no nível sintático, mas também no semântico. Uma das possibilidades de uso diz respeito ao fato de, na prosa ou na poesia, ser recurso estilístico comum aos grandes escritores. Conforme Garcia (2010), encontramos tal uso em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na frase “Marcela amou-me durante *quinze dias e onze contos de réis*” (GARCIA, 2010, p. 62). Nesse excerto, parece-nos exposta uma relação de ideias dissemelhantes, coordenadas pela conjunção *e*; entrelaçam-se ideias de tempo, na primeira expressão, e de situação financeira, na segunda.

Já nos é conhecido que o paralelismo sintático constitui temática bastante relevante no estudo da coesão textual. Isso porque tal mecanismo refere-se tanto à coesão por reiteração quanto à coesão por sequenciação. Nessa perspectiva, os processos correlativos de adição muito se relacionam com o paralelismo, já que uma estrutura orienta necessariamente a outra na produção do texto, sendo, portanto, estruturas paralelas (ANTUNES, 2005). Embora esse mecanismo de coesão não se constitua norma disciplinar na escrita em língua portuguesa, como bem nos diz Antunes (2005) e Garcia (2010), precisamos considerar que a sua ausência na construção textual pode resultar, na maioria das vezes, numa árdua tarefa de compreensão para o leitor, por não haver simetria sintática.

Podemos, por conseguinte, perceber que o paralelismo comporta duas faces. A primeira pertence ao ramo da estilística, de modo que a frase pode sofrer descuidos nos arranjos por não haver similaridade nas estruturas, tornando-a confusa ao leitor. A segunda, porém, ao da coesão textual, já que o paralelismo se revela como um recurso da coesão textual no sentido da sequenciação atribuído por Koch (2013) e da reiteração defendido por Antunes (2005). Dessa forma, concordamos com Antunes (2005, p. 69-70), ao dizer que “o paralelismo, ou a simetria sintática das estruturas linguísticas, constitui um recurso bastante relevante para o estabelecimento da coesão e da coerência”. Assim, afirmamos que, se o paralelismo não constitui uma “norma rígida”, ele deve, sempre que as estruturas aceitarem, ser empregado, para não deslizar o escritor nos descuidos da estilística nem da coesão e da coerência textuais.

Assim sendo, vimos que o paralelismo sintático, componente ímpar da coesão sequencial, proporciona a progressão textual por meio de elementos que apresentam uma simetria entre si. Na seção seguinte, discorreremos acerca dos

processos correlativos de adição, com a finalidade de compreendermos tal fenômeno que apresenta próximas relações com o paralelismo.

## 2.2 PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO

Nesta seção, dedicamo-nos a abordar os processos correlativos de adição com o objetivo de melhor fundamentarmos os posicionamentos e compreendermos tal aspecto, considerado como essencial à nossa pesquisa. Entretanto, por recortes teóricos, não abordaremos a teoria da correlação, em paralelo à coordenação e à subordinação, nem os pressupostos do Funcionalismo<sup>5</sup>, visto que tencionamos apresentar os processos correlativos de adição de modo geral, sem nos filiar a teorias específicas, porque, se de outro modo fosse, a pesquisa tomaria outros caminhos que não o pretendido. Desse modo, discutimos as noções basilares de processos correlativos de adição em Bechara (2015), Gervasio (2016), Koch (2020), Rosário (2012), entre outros.

Os processos correlativos de adição são objetos de discussão que despertam diferentes olhares a partir da perspectiva teórica adotada e da intenção investigativa. Por esses meandros é que há trabalhos acadêmicos os quais se concentram em abordar a dimensão de uso dos pares correlatos, ora com o objetivo voltado à teoria da correlação, como Rosário (2012), ora com a intenção dirigida à análise do uso nos séculos passados, como Gervasio (2016). Dissociando-se dos objetivos pretendidos pelos autores citados, concentramos os esforços no sentido de investigar as implicações sintático-semânticas desse uso na esfera da coesão sequencial.

Nesse sentido, Evanildo Bechara (2015, p. 337), ao apresentar as conjunções coordenativas em Língua Portuguesa, afirma que elas estabelecem uma relação de adição, de acréscimo, no nível de “palavras, grupos de palavras e orações”. Sendo assim, entendemos que as relações baseadas por meio da adição indicam que o autor estabelece relações sintático-semânticas no sentido de acrescentar

---

<sup>5</sup> Sobre tais perspectivas, orientamos o leitor aos trabalhos de Gervasio (2016) e Rosário (2012).

informações, por meio de elementos característicos que se destinam a essa finalidade.

O autor supracitado menciona que, como conectores da adição, temos, mormente, o *e* e o *nem*; este veicula a relação entre unidades negativas, aquele, porém, a relação entre unidades positivas. Diante desse posicionamento, inferimos dispor, por excelência, de dois conectores possíveis de expressar a adição. Por outro lado, Bechara (2015, p. 338) acrescenta que, ainda na relação de adição, “a expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes”. Notamos que o autor não menciona “pares correlatos” ou “processos correlativos de adição”, como encontramos em Garcia (2010) e Antunes (2005), mas *expressão enfática*, apesar de nos ser apresentados os mesmos processos.

Ainda consoante o gramático, é-nos explícito que as relações de adição, evidentemente, podem ser estabelecidas por meio de tais expressões. Sobre estas, Bechara (2015, p. 347-348) nos afirma que há

*“não só... mas (também)*  
*não só... mas (ainda)*  
*não só... senão (também)*  
*não só .... que também, etc.”*

Com o escrito do autor, percebemos que a primeira parte das expressões se mantém *não só*; porém, entendemos que outras formas podem ocorrer, apesar de não descritas por Evanildo Bechara. Nessa mesma linha, Antunes (2005, p. 65), por sua vez, dedicando-se ainda ao tratamento do paralelismo, comenta que “uma das estruturas paralelas mais comuns ocorre no processo correlativo de adição, possibilitando pelas expressões *não só... mas também; não apenas... mas ainda; não tanto... quanto*.” Por esse prisma, constatamos que a autora já apresenta uma variação da expressão *não só*, acrescentado ao processo correlativo aditivo as formas *não apenas* e *não tanto*.

Ao discorrer sobre correlação, em *Dicionário de Lingüística e Gramática*, Câmara Jr. (1986, p. 87), considera que essa é uma “construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita Prótase, prepara a enunciação de outra, dita Apódose”. De tal definição também se vale

Rosário (2012) na tese de doutoramento, na qual identificou 28<sup>6</sup> padrões micro-constructivos ocorrentes no *corpus* de análise, demonstrando que os processos correlativos de adição são acionados pelo produtor do texto de variadas formas. Corroborando Rosário e Souza (2016, p. 169), ao dizer que existe uma “grande maleabilidade da correlação aditiva, que se configura de maneiras distintas, abrigando elementos originários de outras categorias gramaticais em seu bojo, especialmente advérbios”.

Assim, Rosário (2012), em sua investigação, não só evidenciou que há variadas formas de se utilizar os processos correlativos de adição, como também os distinguiu das conjunções aditivas, do que se depreendeu a asserção de que os pares correlatos pertencem ao domínio não da coordenação, mas da correlação. Esta, por sua vez,

apresenta-se mormente no discurso formal, como uma importante estratégia retórica direcionada à arte do convencimento. Os contextos linguísticos em que a correlação se apresenta com mais intensidade referem-se justamente a sequências argumentativas e expositivas (ROSÁRIO, 2012, p. 109).

Como demonstra Rosário (2012), uma das características dos processos correlativos é revelada pela alta carga de argumentatividade. Assim sendo, Elias e Koch (2020) concebe-os atrelados ao quadro dos operadores discursivo-argumentativos, considerando a orientação de sentidos mobilizadas por meio da conjunção, na qual se tem união de “enunciados cujos argumentos apontam para uma mesma conclusão” (KOCH; ELIAS, 2020, p. 132). Podemos afirmar que, no caso específico do emprego dos pares correlatos, o produtor do texto os utiliza numa perspectiva de acrescentar argumentos com força expressiva visando ao convencimento do interlocutor.

Nessa mesma linha de Rosário (2012), Gervasio (2016, p. 49) comenta que tal perspectiva tipológica apresenta “a porção textual na qual observamos apresentação e justificativa de hipóteses com base no estabelecimento de relações lógicas entre teses e antíteses ou argumentos e contra-argumentos”. Notamos, assim, que a seleção de nosso *corpus* mostra-se de acordo com as considerações dos autores, já que escolhemos o gênero textual monografia.

---

<sup>6</sup> Rosário (2012) utiliza uma tabela, apresentada na seção de *Metodologia*, em que elenca por maior frequência os processos correlativos de adição mais percebidos no *corpus*.

No que concerne à descrição dos processos correlativos, apresentamos o quadro feito por Rosário (2012, p. 208), com a finalidade de entendermos como é demonstrado o fenômeno nos usos correntes do *corpus*. Vejamos:

**Esquema 7 – Padrão macro-construcional correlativo aditivo**

Prótase		Apódose	
<i>Negação</i>	<i>Focalização</i>	<i>Inclusão</i>	<i>Reforço</i>
<i>não</i>	<i>só</i>	<i>mas</i>	<i>sim</i>
	<i>apenas</i>	<i>como</i>	<i>como</i>
	<i>somente</i>	<i>e</i>	
	<i>simplesmente</i>	<i>também</i>	
	$\emptyset$	$\Delta$	
$\Delta$			

Fonte: Rosário (2012, p. 208)

Notamos que Rosário (2012) atribui para cada palavra que compõe os processos correlativos de adição um sentido, de modo que, conjuntamente, passam a designar a ideia de adição. Desse modo, na prótase, há uma partícula de negação, seguido de uma focalização, podendo ser representado, por exemplo, por *não só*; na apódose, por sua vez, a inclusão é determinante para o primeiro elemento do par correlato, acompanhando-o um reforço, que podemos representar com *mas também*. Nesse sentido, Gervasio (2016, p. 24) afirma que

Algo também a ser ressaltado nas construções correlatas é que há, entre seus pares, uma evidente interdependência. Uma ideia anunciada, a título de exemplificação, na prótase só terá sentido completo se houver algo que a complemente em uma apódose seguinte [...].

Nesse ínterim, percebemos que a utilização dos pares correlativos, apesar de não se constituir regra, deve ser realizada, já que a falta de um par pode causar no

leitor a impressão de incompletude de sentido, tornando árdua a tarefa de construção de sentido. A esse respeito, julgamos ser essencial o emprego por algumas razões, entre as quais destacamos: primeiro porque se obedece às estruturas cristalizadas pelos estudiosos, comprometendo, caso não seja feita, a construção do texto, nos domínios da coesão, e do sentido da frase, nos domínios da semântica; segundo porque fere, equivocadamente, a organização da frase, tornando-a desorganizada sintaticamente, o que compromete a progressão e a inferência do sentido posto, sendo, por isso, repudiada pelo uso corrente nos textos técnico-científicos.

Chegamos à conclusão de que, pela discussão realizada, o paralelismo deve ser estabelecido mediante o emprego dos processos correlativos de adição. Isso porque esse tema consiste em um recurso da coesão textual, como apresentado em Antunes (2005) e Koch (2013), estabelecendo relações textuais por meio de estruturas similares.

Sendo assim, discutidos os assuntos pertinentes acerca dos processos correlativos de adição, podemos identificar que não há uma regra gramatical que determina o uso dos pares correlatos. No entanto, constatamos que o não uso pode acarretar complicações na organização da frase, no sentido sintático, causando, por isso, problemas de progressão de sentido, conforme a teoria discutida indica. Na seção seguinte, demonstramos não só a existência da inter-relação, mas também as interfaces sintático-semânticas do fenômeno.

### 2.3 INTERFACE SINTÁTICO-SEMÂNTICA ENTRE O PARALELISMO SINTÁTICO E OS PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO

Nas seções e subseções anteriores, dedicamo-nos a discutir os principais pressupostos teóricos de que mais nos valem para o desenvolvimento desta pesquisa. Com esta seção, entretanto, objetivamos apresentar a inter-relação e a interface sintático-semântica entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição, para assegurarmos a defesa do posicionamento de que a inter-relação se faz presente entre o mecanismo da coesão sequencial e o operador argumentativo no processo de organização do texto. Contudo, ressaltamos que não nos vinculamos a teorias específicas, apenas selecionamos, para deslinde de nossa

intenção, os pressupostos que julgamos mais convenientes ao entendimento da materialização do fenômeno no *corpus* analítico.

Convém, de início, destacarmos que Garcia (2010) considera os pares correlatos, ou processo correlativo aditivo, por meio da forma *não só... mas também*, convergindo a noção de que se é exigido uma correspondência estrutural dos constituintes de modo que o emprego do primeiro par determina o do segundo. Por esse prisma, Antunes (2005, p. 65), dedicando-se ao tratamento do paralelismo, comenta que “uma das estruturas paralelas mais comuns ocorre no processo correlativo de adição, possibilitando pelas expressões *não só... mas também; não apenas... mas ainda; não tanto... quanto*.” Vemos, pois, que os pares correlatos são correlacionados ao paralelismo sintático, o que já evidencia a possibilidade de seu uso ter implicações na coesão textual.

Nesse sentido, investigamos o aspecto sintático do uso de tal interface, vez que pode haver arranjos inadequados à luz do que orienta a progressão do texto e, também, da linguagem formal. Nessa perspectiva, abordar o aspecto sintático é, antes de tudo, discorrer sobre as relações que se estabelecem entre as palavras nos arranjos do texto. Se mencionamos, pois, a relação entre as palavras, estamos nos referindo à sintaxe, a qual, para Bechara (2014, p. 27), “se ocupa do estudo dos padrões estruturais vigentes em determinada língua, motivados pelas relações recíprocas dos termos na oração e das orações no discurso. Pode ainda a sintaxe estudar o emprego dos vocábulos”. É sob essa lente que consideramos a inter-relação proposta, haja vista que partimos do uso específico na estruturação do texto para investigar as implicações da coesão sequencial. Assim sendo, destacamos uma análise da inter-relação sob a conjuntura de presença/ausência do par correlato e de posição na estruturação sintática do texto, à vista da coesão sequencial, posto que creditamos aos processos correlativos estreita relação com o paralelismo (ANTUNES, 2005).

Acerca dessa perspectiva, Garcia (2010, p. 54) apresenta um exemplo elucidativo, no qual podemos observar uma ruptura quanto à estrutura da oração. Vejamos: “Senti-me deprimido pela angústia, não tanto por causa do perigo que corria meu velho amigo, mas também devido à relação que meu espírito artificialmente estabelecia entre a sua saúde e meu amor”. Ocorre, no exemplo, uma “ruptura da própria correlação: ‘não tanto’ exige obrigatoriamente “quanto” e não, “mas também” (p. 54)”. Ora, se falamos ruptura, como afirma Garcia (2010), estamos

nos referindo a construções que são repudiadas pela escrita formal. Assim, o autor anuncia que melhor seria escrito se o exemplo atendesse ao par correlato “*não só... mas também*”. Por outro lado, pode tal ocorrência não apresentar um equívoco, mas sim uma formação que, na verdade, ocorre na língua. Para Garcia (2010, p. 54), as gramáticas deram a esse tipo de fenômeno o nome de “cruzamento ou contaminação sintática: de duas formas ou estruturas equivalentes ou similares resultou uma terceira”.

Noutra conjuntura, em relação à perspectiva semântica, já nos é conhecido que os processos correlativos de adição sinalizam, evidentemente, o sentido de adição (BECHARA, 2015), isto é, acrescenta informação aos enunciados. Todavia, a conjuntura na qual inserimos esta pesquisa não é, propriamente, a classificação nem a atribuição de sentido à palavra determinada, melhor dizendo, o nosso enfoque consiste na análise pelo viés semântico num panorama mais amplo, para o qual se destinam as implicações do aspecto sintático na construção do sentido do texto.

Por esse prisma, conceituar produção de sentido, considerando os elementos impressos no texto, leva-nos a inferir que essa compreensão não se limita à superficialidade linguística. Nesse sentido, Koch (2003, p. 17, grifos da autora) assegura que “o *sentido* de um texto é, portanto, *construído* na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação”. Dessa forma, o emprego da inter-relação implica o sentido que se constrói no curso da leitura, sendo considerado não só a materialidade linguística, mas também a interação que essa estabelece com o sujeito.

Observando melhor como ocorrem essas interfaces, vejamos outro exemplo apresentado por Garcia (2010, p. 55): “A energia nuclear não somente se aplica à produção da bomba atômica ou para fins militares. Sabe-se que pode ser empregada na medicina, comunicações e para outras áreas”. Identificamos que é no segundo período desse exemplo que reside o equívoco do arranjo sintático, notadamente no fato de, não preservado o processo correlativo, haver uma quebra na estrutura, ao não utilizar uma das segundas formas. Desse modo, Gervasio (2016, p. 43) argumenta que o emprego da prótase “ativa na mente do interlocutor a espera por uma apódose”. Melhor, portanto, aceita seria a escrita desta maneira: “A energia nuclear não somente se aplica à produção da bomba atômica ou para outros fins militares, mas também pode ser empregada na medicina, comunicações e para outras áreas” (GARCIA, 2010, p. 55); já que, atendidas as estruturas, a coesão

sequencial torna-se estabelecida, o que proporciona a progressão do texto sem entraves entre as frases que o constituem nem implicações à produção do texto.

Assim, assegurada a relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição, como demonstram os exemplos e as discussões realizados, propomos que se analise a inter-relação entre paralelismo sintático e processo correlativo de adição além do limítrofe enclausuramento das formas gramaticais de um e de outro, isto é, pretendemos observar os fenômenos elencados nesta pesquisa no *continuum* do texto, na interface que proporciona tanto a progressão textual quanto a progressão de sentidos.

Desse modo, o trabalho se orienta pelo viés sintático porque julgamos os fatores como ausência/posição do fenômeno, conforme ensina Antunes (2005), Garcia (2010) e Sautchuk (2020), na manutenção da coesão sequencial e pelo semântico porque adotamos a perspectiva de que tal inter-relação possibilita a continuidade de sentidos. Essa interface se fundamenta visto que, enquanto pesquisadores/leitores numa investigação de base qualitativa, temos a oportunidade de analisar os aspectos sintático-semânticos veiculados pelo fenômeno, considerando o posicionamento de que atuam texto-leitor na construção do sentido do texto (KOCH, 2003). Dessa forma, ressaltamos a necessidade de observar como tal inter-relação ocorre no texto, conforme se verá na seção destinada à análise desta monografia.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Nesta seção, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, uma vez que a realização de um trabalho acadêmico-científico exige que explicitemos os caminhos e as escolhas realizados com a intenção de, zelando pela organização do texto, demonstrar os tipos de pesquisa adotados, o *corpus* selecionado e a forma de lidar com os dados. É o que fazemos, pois, nas subseções a seguir.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO

A discussão sobre os aspectos caracterizadores da pesquisa é fundamental porque, a partir dos delineamentos metodológicos, pode o pesquisador evidenciar e justificar os tipos de pesquisa que orientam a realização do trabalho. Sendo assim, desenvolvemos esta monografia sob a orientação da pesquisa qualitativa, nos meandros da bibliográfica e, conseqüentemente, da exploratória. Tal escolha pauta-se na perspectiva de que podemos deslindar o fenômeno selecionado, tendo uma visão ampla na investigação, com a finalidade de alcançarmos os objetivos que propusemos.

É fato que as pesquisas de ordem qualitativa e quantitativa estão presentes, praticamente, em todos os trabalhos acadêmicos, podendo haver as duas ou, apenas, uma delas, o que vai determinar são os objetivos do pesquisador. Desse modo, a pesquisa qualitativa é regida por um viés, mormente, interpretativo, levando o pesquisador, munido das teorias pertinentes à sua área, a fazer uma interpretação dos dados para compreender o fenômeno e, por conseguinte, contribuir para os estudos afins a sua perspectiva teórica. Neste trabalho, adotamos, pois, a pesquisa qualitativa, já que, conforme Godoy (1995, p. 21), “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada”. Não podemos, entretanto, dizer que o tipo de pesquisa adotada é, unicamente, a qualitativa, uma vez que devemos apoiar-nos em outros tipos, com vistas a trilharmos os caminhos metodológicos do trabalho acadêmico.

Assim, lançamos mão também da pesquisa bibliográfica, a qual diz respeito ao fato de o pesquisador buscar, nas fontes teóricas, textos que abordem o tema, a fim de fundamentar a discussão tratada na investigação. Sobre essa questão, melhor comenta Gil (2002), ao dizer que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida

com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Desse modo, precisamos basear-nos nos escritos que discorreram sobre as temáticas, com a finalidade de estabelecermos um diálogo com as investigações já desenvolvidas na tentativa de contribuir com os estudos sobre o fenômeno em análise.

Por outro lado, a pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), diz respeito ao fato de o pesquisador ter um olhar abrangente sobre o tema. Isso porque ele vai, a depender de sua linha de investigação, chegar aos resultados que o impulsionaram os objetivos. Nas palavras do autor, “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Dessa forma, por haver maior proximidade com o problema investigado, pode o pesquisador, à medida que chega às entrelinhas do problema, possibilitar mais conhecimento acerca dele, tornando-o mais explícito.

Nessa perspectiva, notamos ser essencial e suficiente a escolha dos tipos de pesquisa de que nos valemos, uma vez que as investigações de caráter bibliográfico e exploratório são bases nas quais nos apoiamos para, juntamente com a orientação da pesquisa qualitativa, podermos analisar os dados do *corpus* pelo viés interpretativo.

### 3.2 CONSTITUIÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Na Universidade, o estudante, quer nos primeiros períodos da graduação, quer nos programas de pós-graduação, depara-se com a árdua tarefa de, mormente no decorrer das disciplinas do curso, escrever textos acadêmicos, e, entre eles, está a monografia. Tal gênero, à primeira vista, suscita discussões pertinentes, já que nos despertam a observar a que nos referimos quando falamos em Monografia e/ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Nesse sentido, Príncipe (2017), em tese de doutoramento, argumenta que existe uma diferenciação entre um trabalho monográfico e um TCC, sendo este uma denominação mais abrangente para a realização de um trabalho, podendo, dentre outros gêneros, ser um artigo científico, de acordo com a instituição e o curso do pesquisador. Por outro lado, Morreto (2014) comenta, em sua tese, que podem ser

tomados como sinônimos as palavras monografia e TCC. Tal diferenciação demonstra que os estudos acerca dos gêneros textuais, especialmente o acadêmico, merecem mais pesquisas nessa linha de investigação.

Para nossa pesquisa, porém, julgamos mais acertada a posição de Príncipe (2017), uma vez que os trabalhos produzidos com a finalidade de concluir o curso de graduação podem se realizar tanto como um artigo científico quanto como uma monografia. A esse respeito, conforme verificamos nos textos que compõem o *corpus*, não há, por exemplo, artigo científico nem outro tipo de gênero acadêmico, há apenas monografias, consoante identificação no próprio texto.

Assim sendo, selecionamos, para a construção do *corpus*, textos do gênero monografia, posto que consideramos ser tal produção elaborada pelos meandros da linguagem formal, o que nos permite investigar os processos correlativos de adição nesses escritos. Desse modo, em sua tese de doutoramento, Moretto (2014, p. 18) define monografia como “um gênero acadêmico que permite a divulgação de resultados de investigação científica, bem como a obtenção de um determinado grau relativo ao ensino superior do Brasil e do mundo”. Consideramos que tal definição nos é suficiente, porque o pesquisador, para concluir a graduação, precisa redigir uma monografia que divulga conhecimentos relacionados à sua área de pesquisa para obter o diploma.

Nesse sentido, uma característica comum aos gêneros desse domínio é que a escrita acadêmica exige o uso da linguagem formal (MORETTO, 2014), por meio da qual se produz os gêneros acadêmicos “que têm poder institucional de oficializar conhecimentos” (SILVA; SOUZA, 2017, p. 134). Sendo assim, é pertinente afirmar que o produtor do texto, ao redigir a monografia, deve escrever na modalidade formal da língua, já que a circulação de tais textos envolve uma dimensão de leitores, em grande parte, pesquisadores. Dessa maneira, espera-se que o texto apresente, estritamente, obediência às orientações da norma-padrão, zelando pela organização sintático-semântica para que o leitor não tenha dificuldades de produzir o sentido que o autor quer comunicar.

Conforme vimos comentando, adotamos a análise de *corpus*, no gênero monografia. Entretanto, temos ciência de que tal perspectiva, apesar de sua abrangência, não permite que tenhamos a dimensão completa de ocorrência do fenômeno no que concerne à utilização e à implicação da inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição na coesão textual,

constituindo-se, assim, num *corpus* de amostragem, o qual indica uma tendência de uso corrente em textos escritos atuais. Assim, consideramos não ser de qualquer forma a elaboração do *corpus*, uma vez que nos pautamos em critérios os quais definiram e delimitaram os textos selecionados.

Por esse prisma, o *corpus* é composto de 08 textos, atendendo aos seguintes critérios:

- i) disponível para acesso em domínio público;
- ii) trabalho de conclusão de curso (monografia);
- iii) texto da área de Letras;
- iiii) produzido no ano de 2019.

Justificamos o primeiro critério pelo fato de os textos estarem disponíveis na internet<sup>7</sup>, assim podemos utilizá-los para fins científicos, resguardada, evidentemente, a autoria; o segundo pelo fato de os trabalhos de conclusão de curso exigirem uma escrita vigiada, característica ímpar do texto acadêmico, porque passam por uma avaliação para obtenção da aprovação; o terceiro pelo fato de, na esfera do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa, a escrita ser tratada como uma ação cuidadosa, uma vez que os alunos lidam, durante o curso, com a reflexão sobre a língua em leitura e em escrita; o quarto, por fim, pelo fato de as pesquisas serem recentes, o que demonstra o uso da língua atualmente no meio acadêmico.

Portanto, julgamos que as discussões metodológicas realizadas já evidenciam os caminhos pretendidos. Contudo, na seção seguinte, explicitamos como lidamos com os dados, para melhor realizar este trabalho monográfico.

### 3.3 TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados da pesquisa exigiu-nos que fizéssemos um recorte metodológico do *corpus*, posto que as monografias apresentam, em sua maioria, grande quantidade de páginas. Se considerássemos a análise de ocorrência do fenômeno em todo o texto monográfico, ser-nos-ia penosa a tarefa de seleção e observação, fato que exige mais tempo de pesquisa e, acima de tudo, que foge às

---

<sup>7</sup> Os textos foram selecionados em bibliotecas digitais e repositórios institucionais de Universidades Federais do Brasil.

pretensões de delimitação de uma monografia. Assim, identificamos as partes do texto, de acordo com a divisão tradicional dos trabalhos acadêmicos, a saber: introdução, fundamentação, análise, considerações, e realizamos uma análise, com vistas à delimitação. Vejamos:

TABELA 1: OCORRÊNCIA DOS PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO NOS TEXTOS DO *CORPUS*

Parte do texto	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5	Texto 6	Texto 7	Texto 8
Introdução		X		X		X		X
Fundamentação	X	X	X	X	X	X	X	X
Análise	X	X			X	X	X	X
Considerações		X		X			X	

Fonte: elaborada pelo autor da pesquisa.

Na tabela, realizamos uma análise, sem utilização de software específicos, em todos os textos, especificamente, do *corpus*, a partir da qual identificamos que a ocorrência dos processos correlativos de adição perpassa todas as partes do texto acadêmico. Todavia, afirmamos que a análise do fenômeno se dará na parte de fundamentação, tendo em vista que foi a única porção textual na qual o fenômeno ocorre em todos os textos analisados. Assim, podemos, considerando as limitações existentes, investigar a inter-relação entre os processos correlativos de adição e o paralelismo sintático na perspectiva da coesão sequencial.

Nessa conjuntura, utilizamos, neste texto, a tabela apresentada por Rosário (2012, p. 128)<sup>8</sup>, a qual constitui resultados de sua pesquisa, como descrição da diversidade que apresentam os processos correlativos de adição. Vejamos:

<sup>8</sup> Os símbolos [V] e  $\Delta$  indicam, respectivamente, a presença de verbo entre o par correlato e a ausência do par correlato, podendo este ser subentendido (ROSÁRIO, 2012).

Tabela 1 – Padrões micro-construcionais correlativos aditivos

PADRÃO CONSTRUCIONAL	PAIRES CORRELATIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIA
1.	Não [V] apenas...mas	74	19,37%
2.	Não [V] só...mas	69	18,06%
3.	Não [V] só...Δ	53	13,87%
4.	Não [V] só...mas também	38	9,94%
5.	Não [V] apenas...mas [V] também	37	9,68%
6.	Não [V] só...como também	23	6,02%
7.	Não [V] apenas...Δ	13	3,40%
8.	Não só...como	9	2,35%
9.	Não apenas...como [V] também	8	2,09%
10.	Δ...mas [V] também	7	1,83%
11.	Não [V] somente...Δ	7	1,83%
12.	Não [V] somente...mas também	6	1,57%
13.	Não [V] somente...mas	6	1,57%
14.	Δ...como também	4	1,04%
15.	Não [V] só...também	4	1,04%
16.	Não somente...como também	3	0,78%
17.	Não apenas...como	3	0,78%
18.	Não só...e sim	3	0,78%
19.	Não [V] apenas...e sim	3	0,78%
20.	Não...mas também	2	0,52%
21.	Não [V] só...mas sim	2	0,52%
22.	Não simplesmente...mas	2	0,52%
23.	Não simplesmente...Δ	1	0,26%
24.	Não somente...mas como	1	0,26%
25.	Não [V] somente...também	1	0,26%
26.	Não apenas...também	1	0,26%
27.	Não só...e também	1	0,26%
28.	Não somente...e sim	1	0,26%
	<b>Total</b>	<b>382</b>	<b>100%<sup>15</sup></b>

Fonte: Rosário (2012, p. 128).

É preciso considerarmos que os pares identificados pelo pesquisador são usados enquanto apresentação da versatilidade de uso dos processos correlativos de adição em sua pesquisa na perspectiva micro-construcional, o que não implica, a nosso ver, ficarmos presos às ocorrências por ele catalogadas. Dessa forma, se o nosso *corpus* apresentar uso não contemplado pelo autor, destacá-lo-emos com a intenção de, primeiro, analisá-lo e, segundo, de ampliar a possibilidade de apresentação do fenômeno a que nos dedicamos.

Dessa maneira, o tratamento dos fenômenos na perspectiva analítica ocorre de modo que, quando observados os dados nos textos selecionados, tirante, evidentemente, as vozes íntegras que foram propostas como orientação teórica pelo

autor – as chamadas citações diretas -, por não tratar-se da escrita propriamente do autor do trabalho, extraímos-lo para o corpo textual desta pesquisa, resguardando o sentido veiculado pelo excerto. A identificação do texto presente no *corpus* dar-se-á pelo código *texto 1*, *texto 2* e assim até o *texto 8*.

Ademais, salientamos que a análise, no corpo textual desta pesquisa, fundamenta-se sob as perspectivas sintática e semântica. Com a primeira, tencionamos analisar os processos correlativos por um viés que considera não só a presença/ausência dos pares correlatos, mas também a posição deles no excerto; com a segunda, discorreremos acerca das implicações na construção do sentido. Para tanto, fazemos recuo à esquerda e fonte menor para haver a diferenciação do excerto, dando-lhe o realce necessário à identificação no corpo do texto. Além disso, codificamos os textos, demonstrando as iniciais dos autores e o respectivo ano, para que os leitores possam, se assim desejar, buscar a fonte e, dessa maneira, ter acesso aos dados.

Nesse sentido, dialogamos com a teoria que fundamenta nossa pesquisa, cuja consistência teórica não pode faltar-lhe, exigência do texto científico. Portanto, embasam nossa pesquisa os estudos referentes à coesão textual – paralelismo - e aos processos correlativos de adição, dos quais falamos Antunes (2005), Garcia (2010), Koch (2013), Rosário (2012), entre outros.

## 4 PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOB O VIÉS SINTÁTICO-SEMÂNTICO

Finalizados a discussão teórica e os procedimentos metodológicos, já nos é possível realizar a análise dos dados, posto que, munidos dos preceitos da teoria, temos a possibilidade de investigar a inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição, visando à progressão do texto e, também, da continuidade de sentido. Assim sendo, na seção que se segue, expomos a descrição dos pares correlatos identificados no *corpus* e, em seguida, debruçamo-nos sobre o fenômeno a fim de analisar as implicações sintático-semânticas da interface que propomos.

### 4.1 DESCRIÇÃO DOS PARES CORRELATOS

Nesta seção, expomos e descrevemos os processos correlativos de adição investigados no *corpus* desta pesquisa. Para isso, apresentamos os dados, organizados em uma tabela<sup>9</sup>, com a finalidade de salientar os tipos de pares identificados e, em seguida, descrevemos esses processos na tentativa de esclarecer os nossos posicionamentos teóricos e metodológicos sobre o fenômeno.

Na seção seguinte, ainda neste capítulo, analisamos a parêntese com vistas, principalmente, a evidenciar as implicações sintáticas e semânticas mobilizadas pelos processos correlativos na construção de sentidos das informações expressas no texto. Ressaltamos que o critério de organização dos dados consiste na noção de quantidade de ocorrência, de modo que temos a possibilidade de constatar quais pares são mais utilizados na escrita acadêmica corrente.

Tabela 2: síntese dos dados obtidos na investigação.

Número de identificação	Prótase	Apódose	Número de ocorrência
1	Não [V] apenas	mas	6
2	Tanto	como (também)	5

<sup>9</sup> Adotamos o posicionamento de Rosário (2012) na utilização de caracteres especiais na tabela. Conforme o autor, símbolo [V] é empregado para indicar a presença do verbo (ou até expressão superior) entre um dos elementos do par correlato, principalmente na prótase; bem como o símbolo Δ, para representar a ausência do par correlato. Ademais, salientamos que, quando mencionamos *prótase*, referimo-nos ao primeiro par correlato, ao passo que, quando mencionamos *apódose*, ao segundo par correlato (ROSÁRIO, 2012).

3	Não [V] apenas	Δ	5
4	Não [V] apenas	mas também	5
5	Não só	mas	4
6	Não [V] somente	mas	3
7	Não	mas também	2
8	Tanto	quanto	2
9	Δ	mas também	2
10	Não [V] (apenas)	e sim	1
11	Não [V] apenas	como também	1
12	Não [V] somente	Δ	1
13	Não somente	mas também	1
14	Não só	como também	1
15	Não só	mas também	1

Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa, com base em Rosário (2012).

Nesta tabela, vemos que há a presença de 15 pares distintos de processos correlativos em nosso *corpus*, contando, ao todo, com 40 ocorrências. À primeira vista, parece-nos uma estratégia pouco utilizada na escrita acadêmica, se considerarmos os oito textos selecionados para esta pesquisa. Entretanto, é válido ressaltar que, por intermediar noção básica de adição com tendência argumentativa, tais pares correlatos se nos apresentam como um mecanismo de progressão textual muito útil às possibilidades de expressar as relações sintáticas e semânticas na produção textual.

Nesse sentido, Rosário (2012) comenta que a própria estrutura do par correlato abriga elementos da língua de natureza diversa para a formação dos processos correlativos. Consoante o autor,

Curiosamente, a baixa frequência de uso está ligada aos correlatores propriamente ditos, com função de interligar orações. Sua composição, entretanto, engloba itens da língua portuguesa amplamente utilizados em diversos outros contextos, como são as partículas *não*, *também*, *mas*, *apenas*, *só* etc. Nesses termos, tais partículas tornam-se mais básicas e abstratas, possibilitando, por meio de reanálise, o surgimento de uma nova função sintática (ROSÁRIO, 2012, p. 91-92, grifos do autor).

Com base nisso, depreendemos que, como visto na tabela anterior, a união de formas gramaticais distintas, a exemplo de *Não [V] apenas ... mas*, formam os

pares correlatos. Pode ser que, por tal estratégia mobilizar diferentes itens gramaticais e, também, por representar não só o sentido de adição, mas também o de valor argumentativo, vale-se o produtor do texto de outras possibilidades, como a relação de sentido estabelecida pelo *e*. Desse modo, podemos assegurar que a baixa ocorrência dos processos correlativos está no fato de não cristalizar-se no idioma a utilização de estratégia que carrega adição com reforço, ênfase, em virtude do teor argumentativo.

Assim sendo, constatamos que o par mais corrente no *corpus* é *Não [V] apenas ... mas*, com 6 ocorrências. Curiosamente, tal par, a respeito da frequência de uso, também se apresenta com maior ocorrência em Rosário (2012), conforme sua descrição por tabela, apresentada na seção destinada aos procedimentos metodológicos desta pesquisa. Essa constatação nos permite inferir, das diversas possibilidades de uso, que esse par correlato é o mais utilizado.

Já outros pares, que também se apresentam com frequência predominante, são *Tanto...como (também)*<sup>10</sup>, *Não [V] apenas...Δ*, *Não [V] apenas...mas também*; cada um com 5 ocorrências no *corpus*. Chama-nos atenção, contudo, a presença de um par em que a omissão da apódose esteja entre os pares mais utilizados, vez que, na literatura linguística, pode haver quebra de paralelismo sintático. Na seção seguinte, analisaremos com mais minúcias para chegar às implicações de tal uso na construção de sentidos dos textos.

Em seguida, contando com 4 e 3 ocorrências, respectivamente, estão *Não só...mas*, *Não [V] somente... mas*. Com esses pares e, mormente, o primeiro da tabela, já nos é possível assegurar que a apódose, em muitos casos, dispensa o elemento de reforço. Ademais, na esteira desses pares, estão *Não...mas também*, *Tanto...quanto, Δ...mas também*, com 3 ocorrências. Nesses processos correlativos, identificamos que, apesar de ser mais comum a ausência de um par correlato na apódose, pode ocorrer tal uso também na prótase.

Por fim, os pares *Não [V] (apenas)...e sim*, *Não [V] apenas...como também*, *Não [V] somente...Δ*, *Não somente...mas também*, *Não só...como também*, *Não só...mas também* aparecem com um único registro em nosso *corpus*. Isso demonstra, mais uma vez, que, conquanto a baixa frequência, os processos

<sup>10</sup>Embora se tenha considerado, majoritariamente, que esse par correlato evidencia, precipuamente, sentido de comparação, vemo-lo, conforme se nos apresenta o uso no *corpus*, como possível indicação de adição (Rosário, 2012); fato que nos motivou a abordá-lo nesta análise, sem, contudo, ter status de processo correlativo propriamente dito.

correlativos apresentam diversas possibilidades de uso e, assim, proporciona ao produtor do texto mais estratégias de mobilização de adição com auxílio de carga argumentativa.

Dessa forma, concluímos a descrição dos 15 pares correlatos identificados em nosso *corpus*, contando com a totalidade de 40 ocorrências. Pudemos notar que os processos correlativos apresentam grande diversidade de uso, de modo a ocorrer variação quer na prótase, quer na apódose, bem como na ausência de um deles. Por conseguinte, já nos é possível proceder à análise propriamente dita.

#### 4.2 PARALELISMO SINTÁTICO E PROCESSOS CORRELATIVOS DE ADIÇÃO NA COESÃO SEQUENCIAL DA MONOGRAFIA

Nesta seção, realizamos a análise propriamente dita do fenômeno correspondente à interface entre paralelismo e processos correlativos de adição, vez que já fizemos a descrição com a finalidade de observar a diversidade de uso e, principalmente, a frequência com que cada par é utilizado em nosso *corpus*. Ratificamos que consideramos duas perspectivas analíticas: a primeira, perspectiva sintática, destina-se a fatores sintáticos, como a presença/ausência e a posição; a segunda, perspectiva semântica, a fatores semânticos, com vistas, mormente, à construção dos sentidos veiculados pelo excerto em estudo.

No entanto, foi necessário fazermos um recorte, de modo que não nos debruçamos sobre as 40 ocorrências, tomadas isoladamente, porquanto algumas apresentam aspectos sintáticos e semânticos similares, diferenciando-se apenas no que concerne ao padrão de uso. Desse modo, suprimimos não só padrão de processo correlativo, mas também excertos de um mesmo padrão de par correlato. Consideramos que, nesses casos, não há necessidade de verificar tais implicações, já que lhe são próximas às duas perspectivas analíticas. Assim, podemos evidenciar os aspectos sintáticos e semânticos dos processos correlativos na coesão sequencial. Passemos, pois, aos excertos e suas respectivas análises.

- Primeiro padrão de construção: não [V] apenas.... mas

O primeiro padrão de análise, cuja ocorrência se deram 6 vezes, apresenta a presença da prótase e da apódose, porém, nesta ocorrência, somente a partícula

*mas*. Tal padrão demonstra a versatilidade dos pares correlatos, quer se apresentando somente com a prótase, quer com a apódose, ou, neste caso, apenas com a partícula de inclusão.

(1) Todavia, por fazer parte da estrutura linguística, poderia ser um ponto forte que valida o trabalho com as Els dentro da sala de aula, tornando importantes objetos de estudo devido suas peculiaridades, uma vez que para entendê-las **não dependem apenas** de componentes linguísticos, **mas** o contexto de uso. (EAS, 2019, texto 2)

(2) O papel da escola **não** deve se restringir **apenas** a fazer com que o aluno domine corretamente o sistema linguístico da língua, **mas** tornar o aluno capaz de atuar em todos os âmbitos comunicativos, podendo se adequar aos mais diversos contextos sociais. (RMS, 2019, texto 3)

(3) Essa obra, assim, coloca em evidência o povo luso, coroando-o como herói da epopeia, na qual, **não apenas** a ida de Vasco da Gama e sua tropa por *mares nunca antes navegados* é motivo de louvor no poema, **mas**, especialmente, a história do *ilustre peito lusitano* – reis, rainhas, príncipes, navegantes – que fundou e ergueu a nação portuguesa para ser uma das importantes da terra, com seu vasto Império Marítimo e imponente história de desbravamento e conquistas. (SFFS, 2019, texto 4)

(4) Ao aprender ler e escrever o sujeito já pode pensar em voos mais altos, registrando, pesquisando, interpretando e fazendo um paralelo com as mensagens dos escritos aos quais terá acesso posteriormente, fazendo seus comentários e expondo seu ponto de vista construindo com isso sua cidadania e quiçá reescrevendo sua própria história e **não apenas** participando dela como um anônimo, **mas** como sujeito ativo desse processo. (AGP, 2019, texto 7)

(5) Já quando fazemos referência ao ensino Epilinguístico, estamos falando de um trabalho **não apenas** estrutural, **mas** reflexivo, ou seja, o aluno **não** é direcionado **apenas** para preencher lacunas, **mas** recebendo como acréscimo a reflexão sobre os fatores que interferem na língua. (GEOM, 2019, texto 8)

Na perspectiva sintática, notamos que há ausência do reforço na apódose, entretanto não causa prejuízo à estruturação sintática, e, por isso, respeita o paralelismo e, conseqüentemente, a progressão textual. Porém, como salienta Sautchuk (2020), os pares correlatos devem atuar no mesmo nível hierárquico, isto é, ora em nível não oracional, ora em nível oracional, no que diz respeito à posição dos pares. Chama-nos, pois, atenção a falta de coordenação que se estabelece em (4) e (5), ao passo que em (1), (2) e (3) é possível afirmar haver simetria de estruturação, visto que coordenam porção textual não oracional, oracional e oracional, respectivamente.

Já em (4), por exemplo, percebemos que a prótase é anterior a verbo no gerúndio, e a apódose, à palavra *como*. Tal fato ocorre porque o par *não apenas*

deveria estar, também, antecedendo *como*, conforme se vê na apódose. Em (5), por sua vez, a primeira ocorrência evidencia uma correspondência de estruturas e de posição, sendo este último a nível não oracional. Em relação à segunda ocorrência, notamos ser difícil o estabelecimento da posição ocupada pelo par correlato, tendo em vista a prótase é anterior à preposição *para*, e a apódose, a verbo no gerúndio. Esta inadequada estruturação nos parece ser causada por não se valer o produtor do texto do paralelismo de *preposição + verbo no infinitivo* à vista da prótase. Nesses excertos, apesar de conservar a presença dos dois pares, a posição deles, em (4) e (5), evidencia uma forma de quebra de posição na arrumação textual entre os processos correlativos, conforme já nos demonstrou Garcia (2010) em seções anteriores.

No que concerne à perspectiva semântica, notamos que a ausência do reforço não compromete a construção do sentido, já que pode o leitor inferir a presença dele no texto. Por outro lado, a posição ocupada pelo correlator e a não coordenação em (4) e, na segunda ocorrência, em (5) torna árdua a tarefa de construção de sentidos. Isso se torna evidente se julgarmos que a continuidade do texto interfere na continuidade de sentido, a qual fica interrompida na frase, vez que exige do leitor o preenchimento de uma reestruturação sintática para que possa construí-lo no excerto. Assim sendo, depreendemos que as implicações semânticas, predominantemente, correspondem ao fato de a significação não está posta de acordo com a continuidade sintática, no que concerne à coordenação de posição, o que repercute na tarefa do leitor frente ao entendimento do texto.

Na análise do primeiro padrão de construção, portanto, constatamos que a falta do reforço na apódose não causa prejuízos nem à estruturação sintática nem à construção dos sentidos. Importa afirmarmos que, nesses excertos, é a não coordenação de posicionamento que causa dificuldade à sequenciação do texto e, também, do sentido.

- Segundo padrão de construção: tanto ... como (também)

O padrão de ocorrência *tanto ... como (também)* foi utilizado 5 vezes em nosso *corpus*. Salientamos que a partícula *(também)* está entre parênteses porque demonstra única variação no uso, que não faz, contudo, configurar-se dissemelhante

dos demais para ser tomado isoladamente, considerando a construção do sentido. Vejamos.

(6) Nesse sentido, partindo do pressuposto de que as relações sociais interferem no pensamento e nas ações dos indivíduos, consideramos, portanto, que é possível reconhecer a crença **tanto** como um fenômeno particular (do sujeito) **como também** entrelaçada à sociedade, visto que a primeira é delineada a partir da segunda, ou seja, o meio social interfere no modo de julgamento dos falantes. (MLS, 2019, texto 1)

(7) Nesta perspectiva, observamos como as Els aparecem nas gramáticas, já que são instrumentos de pesquisa e que são levadas em conta pelo seu referencial formal e padrão **tanto** para professores **como** para alunos. (EAS, 2019, texto 2)

(8) Compreende-se então que a literatura para a infância tem um papel de extrema importância, **tanto** na parte artística e no lazer **como também** acrescenta as suas perspectivas de vida, e seus pontos de vista de ver o mundo ao qual ele se insere, permitindo assim novos caminhos para o melhor conhecimento de si e do outro. (AGP, 2019, texto 7)

Ressaltamos que, conquanto já evidenciado, majoritariamente, que tal par sinaliza relação de comparação, concordamos, por outro lado, com Rosário (2012), quando anuncia a cristalização pelo sentido de comparação; contudo, com base em seu *corpus*, constatou que pode, também, evidenciar sentido de adição. Isso fica evidente quando analisamos o excerto (7) de nosso *corpus*, quando depõe a noção de adição (professores e alunos).

Na perspectiva sintática, julgamos que *tanto ... como (também)* apresenta posições distintas, ora ligando excertos oracionais (8), ora excertos não-oracionais (6) e (7). Em (6), importa, primeiramente, ressaltar que há, conforme orienta Garcia (2010), contaminação sintática. Isso significa que o elemento *também* é posto num par já cristalizado (*tanto...como*), formando uma apódose possível de outras estruturas, como em *não apenas...como também*, conforme visto no *corpus*. No entanto, tal fenômeno, a nosso ver, não interfere na continuidade do texto, já que, em (6), não se há que falar em rompimento de continuidade sintática. A posição de (6), por outro lado, exige-nos cautela, já que coordena termos distintos, senão vejamos: a prótase é anterior ao item *como*, já a apódose, ao item *entrelaçada*. Assim sendo, é preciso reestruturar a frase para se ter a continuidade precisa superficialidade linguística.

Já em (7), notamos perfeita consonância de posição, visto que ambos os pares antecedem o item *como*. Em (8), porém, é curiosa a forma pela qual o

produtor do texto estruturou o período, visto que, ao empregar o elemento *tanto*, espera-se o correspondente *como* ou *quanto*. Entretanto, vemos que há duas possibilidades de análise: a primeira é ver o segundo par substituído pelo item *e*, tendo-se uma contaminação sintática; a segunda é ver o item *como também* não relacionado ao item *tanto*, mas sim semelhante ao emprego de expressões já cristalizadas, a exemplo de *bem como*, que indica a continuidade por meio de adição. Desse modo, é preciso reconhecer que, em (8), importa à discussão do paralelismo porque causa problemas em sua manutenção, porquanto une partículas que, à primeira vista, não se utilizam conforme nos descrevem os autores citados (primeira possibilidade).

Na perspectiva semântica, podemos afirmar que os excertos (6) e (7) não interferem na construção de sentidos do texto, com ressalvas de que, no primeiro, é necessário inferir a concordância com a palavra *crença* para que se possa promover a progressão enfática que é característica dos processos correlativos. Já o par em (8), por outro lado, causam repercussões no sentido os arranjos sintáticos, visto que o emprego dos processos correlativos pode sanear a continuidade na leitura do leitor. Acerca disso, Santos e Silva (2014, p. 181) comentam que

O mau uso de elementos linguísticos e estruturais, somados a falta de clareza do perfil do leitor e da finalidade do texto, não permitirá que o interlocutor estabeleça o sentido do texto. Ou seja, as faltas do sentido e da organização do texto podem impedir a compreensão pelo leitor, quando não produzir um efeito oposto (SANTOS; SILVA, 2014, p. 181).

Dessa maneira, as autoras acentuam o fato da inadequação do emprego dos elementos linguísticos, relacionados a outros fatores, podem causar prejuízos à progressão compreensão do texto. Pode, pois, ficar difícil a tarefa de o leitor recuperar a continuidade de sentido, que se insere primeiro na sequenciação linguística, nos processos correlativos.

Dessa forma, notamos que esse par correlato suscita implicações nas duas perspectivas aqui relatadas, especialmente na primeira. Assim sendo, percebemos que a superficialidade linguística pode, sim, interferir na construção de sentidos, por meio de problemas na estruturação sintática e no sentido em (8), e perfeita harmonia de continuidade e de sentido em (6) e (7).

- Terceiro padrão de construção: não [V] apenas.... Δ

No terceiro padrão de análise, identificamos 5 ocorrências do par correlato *não [V] apenas...* Δ. Estamos, pois, analisando agora a ausência da apódose. Isso evidencia o fato de os processos correlativos ainda não serem cristalizados na escrita em Língua Portuguesa. Ademais, importa ressaltarmos que tal par apresenta implicações sintáticas e semânticas, como veremos.

(9) O trabalho com a diversidade linguística envolve **não apenas** a classe econômica que cada pessoa pertence, outros fatores também influenciam na escolha de um determinado uso linguístico por um indivíduo e, durante as explicações em sala de aula esse é um ponto a ser ressaltado pelos docentes.” (RMS, 2019, texto 3)

(10) Os internautas, em suas interações, se apropriam de uma diversidade de formas para se comunicarem de maneira dinâmica, eles **não utilizam apenas** a escrita. Como exemplo, temos a chamada de vídeo que é uma ferramenta de comunicação muito utilizada no espaço virtual, em que os indivíduos se expressam como se estivesse numa conversa face a face. (JSC, 2019, texto 6)

(11) O internetês **não está penas** nas redes sociais, ele circula, a questão está em como ele é visto na escola. (JSC, 2019, texto 6)

(12) A leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural, **não é apenas** a representação da decodificação de signos e símbolos, é um processo de interação do ser humano com o mundo, proporcionando-lhe a capacidade de reelaborar e construir sentidos. (AGP, 2019, texto 7)

O par correlato *não [V] apenas...* Δ evidencia típico caso de omissão da apódose, sendo possível, porém, identificar por inferência a presença do segundo par, a partir das pistas presentes no excerto. Apesar de tal processo ser, num primeiro momento, rejeitado pelas recomendações tradicionais, principalmente no que concerne ao paralelismo sintático, é válido observá-lo pelo viés das estratégias que levam o produtor do texto a suprir tal necessidade, como já apontou Rosário (2012).

Na perspectiva sintática, tal análise exige que vejamos a ausência da apódose como um fator que leva o leitor a esperar o emprego do segundo par, o que não ocorre. Visto por um prisma estrito de coesão sequencial, Faraco e Vieira (2020, p. 213) asseveram que, em virtude da ausência de um dos pares, a frase “se torna agramatical”. Precisamos considerar que os autores argumentam em respeito aos limites do co-texto, com ênfase na coesão sequencial e, por tratarmos nesta perspectiva, concordamos com os autores, em parte. Nessa mesma linha de

pensamento, Prates (2019, p. 72) assevera que a coesão textual atua na ligação das partes do texto, e, por isso, “problemas na sua construção têm um efeito desarticulador sobre o texto, dificultando não apenas a sua leitura, mas também sua compreensão”. Assim sendo, concordamos, em respeito à coesão sequencial, com as menções teóricas acima; mas em parte.

Julgamos ser preciso ir além, isso porque é necessário considerar que o produtor do texto lança mão de outra forma de progressão, de modo a não explicitar por meio do correlator. No excerto (9), por exemplo, a ausência da apódose é evidente, contudo podemos constatar que ela está, justamente, retomada na presença do item *também*, o qual realça a noção de adição e, por isso, promove a continuidade da estruturação sintática.

Em (10), constatamos que o emprego da prótase determina o da apódose, conforme visto na literatura discutida nesta monografia. No entanto, tal fato não ocorre, o que enseja a quebra de paralelismo sintático. Por outro lado, há uma estratégia de fazer o texto progredir por outros meios, como a delimitação do arranjo sintático, com o encerramento do período, e o emprego da expressão “*como exemplo*” que exerce função fundamental de se manter a continuidade do texto. Em (11), ocorrem a amarração e a progressão do texto ao ser empregado o pronome *ele*, no sentido de ativar a coesão por meio da substituição. Para Antunes (2005, p. 87), os pronomes “funcionam, assim, como nós de ligação entre seus diferentes segmentos, possibilitando a reiteração, a continuidade que o texto exige para ser coerente”. Assim sendo, notamos que, conquanto haja a quebra de paralelismo sintático, a progressão textual se estabelece sem grandes prejuízos, por meio da coesão referencial.

Em (12), por sua vez, ocorre a progressão por meio da reiteração do verbo *é*, ou seja, elemento utilizado no emprego da prótase. Tal estratégia de repetição, conforme Antunes (2005, p. 70-71) atua no sentido de “fazer reaparecer no texto alguma palavra ou sequência de palavras que já ocorreram anteriormente. Por isso, a repetição constitui um recurso reiterativo, requisito da própria continuidade exigida pela coerência”. Desse modo, notamos que o produtor textual emprega outros elementos, os quais, por seu turno, atuam no sentido de retomar ao dito para atribuir a progressão ao texto, apesar de a quebra de paralelismo parecer insanável.

Na perspectiva semântica, constatamos que o papel do leitor é essencial no que diz respeito à inferência do segundo correlator e à construção de sentidos.

Consideramos essa conjuntura porque, como se apresenta o exemplo (9), a apódose foi retomada pela partícula *também*, o que garante a recuperação por parte do leitor e, por isso, reestabelece-se a progressão do texto. Entretanto, é evidente que a ausência causa um impasse na leitura, de modo que, ao empregar a prótase, espera-se a apódose, e não um elemento de natureza referencial. Conforme Faraco e Vieira (2020), tal omissão causa perda de força argumentativa, já que há uma quebra das estruturas correlatas e, por extensão, do paralelismo. Para os autores, “Utilizá-los com adequação favorece o monitoramento da atenção do leitor para os sentidos construídos em cada constituinte ou oração do par correlato” (ibidem, 2020, p. 214). Assim sendo, verificamos que, na abordagem semântica, perde-se, principalmente, ênfase a orientação argumentativa, bem como o direcionamento do sentido por parte dos leitores, que se veem legitimados a estabelecer a continuidade do texto e do sentido.

Sendo assim, podemos considerar que a ausência da apódose, no rompimento do paralelismo, foi preenchida por meio de outras estratégias de que o produtor do texto lança mão para dar continuidade ao texto. Isso levou Rosário (2012, p. 142) a afirmar que “a reiteração de elementos precedentes revelou-se como uma estratégia bastante comum nesse tipo de construção”. Fato curioso dessas outras formas é que, como demonstrado, pode haver a recuperação do elemento anteriormente citado – o que nos leva a julgar estreita proximidade entre coesão sequencial e referencial -, assim como o emprego de partículas já comuns de ocorrerem na apódose, evidenciado pelo uso de *também*.

- Quarto padrão de construção: não [V] apenas.... mas também

No quarto padrão de análise, identificamos 5 vezes o emprego dos processos correlativos de adição, na sua estruturação mais comum, conforme visto na literatura normativa e linguística, a saber: *não apenas ... mas também*. Tal emprego não impulsiona grandes discussões com relação às perspectivas sintáticas e semânticas; no entanto, por emergirem em nossos dados, julgamos por bem analisá-las na tentativa de identificar possíveis intervenções nos contextos enunciativos. Teçamos algumas considerações.

(13) Nesta perspectiva Leme (2008) descreve que para compreendermos uma EI **não depende apenas** do nível semântico, **mas também** do pragmático. (EAS, 2019, texto 2)

(14) Anos mais tarde, o desejo do Brasil em tornar-se independente de Portugal começou a ser transposto para literatura. O Brasil, na ocasião de sua independência, começou a desenvolver a vontade de desvincular-se da metrópole **não apenas** em seu sentido econômico e político, **mas também** do ponto e vista cultural. (EBF, 2019, texto 5)

Na perspectiva sintática, notamos perfeita simetria estrutural, por isso afirmamos que o uso do par respeita o paralelismo e, conseqüentemente, a coesão sequencial. Entretanto, chama-nos atenção o fato de a posição ocupada pelo par importar à *tessitura* do texto, e, também, à continuidade textual. Em (13), percebemos que não se há que falar nem de quebra de paralelismo nem de interferência de posicionamento, visto que se encontram em perfeita consonância com as recomendações da literatura linguística. Já em (14), notamos que há somente repercussões na posição do segundo par correlato, já que a prótase é anterior à preposição *em*, e apódose, à preposição *de*. A respeito disso, depreendemos que houve falta de coordenação dos pares correlatos, no critério da posição, conforme salienta Sautchuk (2020).

Na perspectiva semântica, percebemos que a progressão de sentidos está em conformidade com a progressão textual em (13), propondo, além da adição, a força argumentativa e expressiva do produtor do texto. Embora existam equívocos na posição em (14), consideramos que não são substanciais a ponto de tornar árdua a tarefa do leitor, pois este pode recuperar o fio de sentido que se medeia pelo par correlato a partir da ideia mencionada de *formas de se comunicar*.

Nessa conjuntura, julgamos que, quando há correspondências estruturais entre os componentes dos processos correlativos, a construção de sentidos é facilitada, conforme demonstrado no excerto (13). A não simetria de posição, porém, pode causar prejuízos à produção do sentido, mas, neste quarto padrão, não consideramos ocorrer empecilho ao texto.

- Quinto padrão de análise: não ... mas também

O padrão de análise *não ... mas também* foi identificado duas vezes em nosso *corpus*. Esse par correlato, com a omissão do elemento focalização na prótase, apresenta implicações sintática e semântica. Vejamos.

(15) Diante disso o discente passa a ter consciência de que **não** basta conhecer o significado das palavras, **mas também** a sua posição dentro da língua que tem a possibilidade de associar a outras e inteirar-se de seus vários significados. (EAS, 2019, texto 2)

(16) Sua extensa obra literária **não** seria o único motivo, **mas também** sua extensa *alma* percebida na obra, pois nesta existe um universo de pensamentos, um verdadeiro manancial do ser e do existir materializado em literatura. (SFFS, 2019, texto 4)

Na perspectiva sintática, podemos assegurar que a ausência do elemento de focalização da prótase não interfere na manutenção da coesão sequencial, vez que, apesar de não tê-lo, pode-se inferir tratar-se de processos correlativos e, por isso, a apódose vem empregada posteriormente. Quanto à posição, contudo, é nela que vemos mais implicações sintáticas, porquanto não se tem em consonância a coordenação de elementos, conforme ensina Sautchuk (2020). Ou melhor, na prótase, em (15), foi inserida anterior ao verbo *basta*, e a apódose, por sua vez, anterior ao pronome *sua*; já em (16), constatamos que a prótase é anterior ao verbo *seria* e que a apódose é anterior ao pronome *sua*. Desse modo, asseguramos, nesses casos, que há níveis distintos de coordenação, sendo, nos dois casos, oracional e não oracional.

Na perspectiva semântica, notamos que a ausência do elemento focalizador na prótase não interfere na progressão de sentidos do excerto, visto que é de fácil preenchimento por tratar-se dos pares correlatos. Entretanto, percebemos que a ausência do focalizador torna mais acentuada a falta de coordenação de posição. Ademais, ressaltamos que não há prejuízos à construção do sentido, apesar de coordenar níveis dissemelhantes.

Desse modo, podemos assegurar que, em primeiro lugar, a ausência da focalização não interfere na progressão textual, ou melhor, na coesão sequencial, e que, em segundo lugar, a posição, nos excertos analisados, também não compromete substancialmente a construção do sentido do texto.

- Sexto padrão de construção: *mas também*

O sexto padrão de análise  $\Delta$ ... *mas também*, mesmo que sejam apenas duas ocorrências, instiga-nos a análise considerando as construções para além da

materialidade linguística, uma vez que os excertos nos levam a inferir a presença da prótase em ambos os casos. Vamos aos excertos.

(17) Botassini (2015), ao abordar sobre crenças e atitudes dentro da Sociolinguística, salienta que esses assuntos estão estritamente ligados às pesquisas linguísticas, **mas também** reverberam por outros campos epistemológicos. (MLS, 2019, texto 1)

(18) O autor ainda indica que é com Bakhtin que a questão sobre gêneros textuais passa a considerar a língua como um processo de interação, de modo que o texto revela plenamente a língua no âmbito da forma, **mas também** do discurso. (GEOM, 2019, texto 8)

Já ressaltamos que o emprego da prótase leva, diretamente, ao emprego da apódose. Entretanto, como evidenciam os dois casos, temos a presença não da prótase, mas da apódose. Daí acentuarmos o papel do leitor da construção do sentido, uma que vez deve fazer a inferência da presença da prótase no primeiro e no segundo excertos.

Na perspectiva sintática, observamos que há ausência do primeiro par em ambos os exemplos. À primeira vista, podemos entender que tal uso se assemelha ao do *bem como* e, mais atualmente, do *como também*, consoante foi discutido o seu emprego em análise anterior. Isso implica descartarmos a assertiva de que há quebra de paralelismo, já que é caso de novo uso baseado em padrões já existentes, podendo o *mas também* passar por um momento de mudança linguística e, conseqüentemente, de cristalização no uso corrente do idioma. Por outro lado, é factível a possibilidade de inferir a presença da prótase depois da palavra *assuntos* em (17) e da palavra *âmbito* em (18). Assim sendo, reiteramos não ser possível afirmar que existe flagrante quebra de paralelismo sintático, pois, apesar de não causar grandes prejuízos na estruturação sintática, vemo-lo como importante processo de progressão textual.

Na perspectiva semântica, fundamental é considerar o papel do leitor na construção de sentidos, como já salientamos, porquanto tal ausência da prótase não interfere na construção do sentido; porém, nessa conjuntura, causa perda de expressividade, que é uma das características do emprego dos processos correlativos, porque não se focaliza a primeira expressão que antepõe o par correlato.

Dessa forma, notamos que, embora a ausência da prótase, não há prejuízos à progressão de texto e, conseqüentemente, à construção de sentidos no texto.

Convém acentuarmos, ainda, que tal par, o qual julgamos passar por um processo natural no uso da língua, necessita de um estudo mais detalhado, a fim de notar se já perderam as características dos pares correlatos, a exemplo de bem como.

- Sétimo padrão de construção: não [V] apenas ... e sim

O padrão de análise *não (V) apenas ... e sim*, identificado apenas uma vez em nosso *corpus*, apresenta alteração evidente na apódese, se compararmos aos padrões já analisados e à teoria discutida. Tal elemento, contudo, não interfere nem na estruturação sintática nem na semântica. Vejamos.

(19) O sucesso da leitura **não limita-se apenas** ao resultado de um treinamento de habilidades, **e sim** à superação de um determinado obstáculo cognitivo: o realismo nominal lógico. (AGP, 2019, texto 7)

Na perspectiva sintática, notamos que houve apenas a variação da apódese, visto que, conforme apresentamos a tabela de Rosário (2012), bem como a discussão da literatura linguística, é comum o emprego, mormente, de *mas/como também*. Entretanto, asseguramos que tal fenômeno não encerra problemas na estruturação sintática. Isso ocorre porque *e sim* substituiu a apódese comumente empregada, preenchendo, principalmente, a expectativa esperada pelo emprego dos processos correlativos de adição. Ademais, consideramos que a posição do par correlato na estruturação da frase está adequada, vez que está coordenando os complementos verbais de *limita-se*.

Na perspectiva semântica, também asseguramos que a alteração na apódese não trouxe prejuízos à construção do sentido, posto que pode o par correlato, com menos ocorrência na apódese, assegurar a progressão textual e, conseqüentemente, o sentido. Além disso, percebemos que *e sim* tem força argumentativa semelhante a outros pares que preenchem a apódese.

Assim, podemos afirmar o par *não [V] apenas ... e sim*, apesar de menos utilizado, garante ao texto a continuidade necessária tanto de estruturação da frase, quanto de construção do sentido, atuando, necessariamente, como uma estratégia que encerra a adição com mais expressividade.

- Oitavo padrão de análise: não somente.... mas também

O padrão de análise *não somente... mas também* foi utilizado uma vez em nosso *corpus*, motivo que impressiona não apenas pela baixa frequência, mas pela modo como foi estruturado o emprego desse par correlato pelo produtor do texto. Quanto às implicações, não se há que falar em problemas sintáticos e semânticos, senão vejamos.

(20) Além disso, **não somente** as conquistas e enaltecimento da nação se deram com sua relação direta como mar, **mas também** boa parte da formação identitária da cultura do povo português. (SFFS, 2019, texto 4)

Na perspectiva sintática, o par correlato ora analisado apresenta o emprego total tanto da prótase quanto da apódose, correspondendo, assim, aos preceitos linguísticos dos autores estudados. Em relação à posição, entretanto, constatamos que há uma correspondência não adequada, visto que os correlatores coordenam níveis distintos. Julgamos que não só a prótase, como também a apódose coordenam o sujeito da forma verbal *se deram*. Porém, devido à má colocação do segundo par, que deveria estar antes do verbo, coloca em evidência uma relação indireta com a forma verbal, rompendo, pois, com a linearidade da sequenciação. Tal fato permite observarmos que a estruturação canônica *sujeito + predicado* sofreu forte alteração nesse excerto, já que notamos a seguinte colocação *sujeito + predicado + sujeito*. Isso assegura a versatilidade que os processos correlativos apresentam nos arranjos sintáticos na produção textual.

Na perspectiva semântica, depreendemos que, conquanto haja correspondência entre as estruturas correlatas, não se pode, com clareza, estabelecer a relação direta entre sujeito e predicado, o que compromete a tarefa de construção de sentido por parte do leitor. Assim sendo, somente a reestruturação do arranjo sintático pode fazer com que a leitura siga seu caminho natural por meio da sequenciação linguística, isto é, da coesão sequencial e favoreça a produção, sem interrupções, de sentido do excerto.

Desse modo, constatamos, em (20), que o arranjo sintático não comum na escrita acadêmica, visto que foi o único caso, de *sujeito + predicado + sujeito* causa no leitor expectativa de haver, também na apódose, uma relação de *sujeito + predicado* como ocorre na prótase, embora a forma verbal seja a mesma para ambos. Assim, o adequado emprego dos pares correlatos não garante, por si só, a

progressão do texto, de modo que se compromete a sua sequenciação e, por consequência, a construção de sentido.

Por conseguinte, podemos concluir que os processos correlativos apresentam implicações sintáticas e semânticas, derivadas, especialmente, da perspectiva sintática, que implica, como visto em vários excertos, a perspectiva semântica. Com isso, é possível assegurar, conforme demonstrado na discussão com os teóricos pertinentes a essa pesquisa, que a perfeita simetria de correspondência de estruturas, bem como de posição favorecem a continuidade do texto e, por consequência, do sentido veiculado pelo excerto. Por outro lado, há casos em que, mesmo não havendo tal correspondência, a progressão de texto e de sentido pode, por um lado, ser prejudicada; ao passo que, por outro, não, já que aparece em forma de compensação outras estratégias que garantem a continuidade necessária ao texto, como demonstrado, especialmente, nos excertos em que havia o mecanismo da coesão referencial em lugar da apódose. Dessa forma, reconhecemos que a inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição é fundamental como estratégia de estruturação dos arranjos sintáticos não só promovendo a continuidade do texto, mas também proporcionando relação de adição com ênfase expressiva e argumentativa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, pudemos conferir que as investigações no âmbito do texto são fundamentais para que possamos compreender não só a organização da superfície linguística, especialmente da progressão textual, mas também as possíveis construções de sentidos mobilizadas para a compreensão do texto. Na presente monografia, discorreremos a respeito da inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição com ênfase nas implicações sintático-semânticas no campo da coesão sequencial. Para tanto, precisamos reiterar o percurso que desenvolvemos para este trabalho, porquanto nos permitiu chegar a estas considerações finais.

Desse modo, fizemos, inicialmente, a discussão teórica, por meio da qual nos respaldamos para tratar dos temas cruciais a esta monografia. Por isso, abordamos o trajeto histórico da Linguística textual, sob a ótica de suas três fases. Com base nesses estudos, aludimos às noções pertinentes à coesão e à coerência, consideradas neste trabalho como fatores relevantes na escrituração do texto. Em seguida, abordamos os pressupostos teóricos da coesão textual com base, mormente, em Antunes (2005) e Koch (2013), a fim de traçar o nosso ponto de vista sobre a compreensão dos conceitos e das abordagens defendidas pelas autoras.

Depois, tratamos da coesão sequencial, na perspectiva de Koch (2013), visto que concordamos com o seu posicionamento acerca do paralelismo sintático e da relação que a autora estabelece entre o fenômeno e os processos sequenciais do texto. Como afirmamos, o nosso posicionamento se sustenta na concepção existente na interface entre paralelismo e processo correlativo nos domínios da progressão textual, uma vez que o emprego da prótase não se reporta a porção linguística anterior, mas sim determina o surgimento da apódose, em correspondência. Em seguida, discorreremos acerca dos processos correlativos, importante operador textual que marca a orientação argumentativa do texto, com as contribuições teóricas de variados autores, entre os quais destacamos Rosário (2012). Ademais, versamos sobre o aspecto sintático-semântico e a interface que se estabelece entre o paralelismo sintático e os processos correlativos.

Nos procedimentos metodológicos, caracterizamos o tipo de pesquisa como bibliográfica e qualitativa, vez que colhemos os respaldos necessários ao entendimento teórico e asseguramos a base interpretativa desta pesquisa, assim

como a forma de tratamento dos dados; bem como comentamos sobre o gênero monografia, texto esse que constitui o nosso *corpus* de pesquisa. Na seção analítica, dividimo-la em dois segmentos com a finalidade de que pudéssemos não só descrever as ocorrências dos processos correlativos, como também analisá-las destacando a inter-relação desses com o paralelismo sintático alinhado à perspectiva de investigar as implicações sintático-semânticas na esfera da coesão sequencial.

Conforme apresentadas na *Introdução*, reiteramos as questões de pesquisa, que desencadearam os percursos teórico, metodológico e analítico da monografia. Recorremos às mencionadas questões a fim de sintetizar o que realizamos. Vejamos:

Em relação à primeira questão de pesquisa, que determinou o primeiro objetivo específico, - *Como o produtor do texto lança mão da inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição na produção da monografia?* -, realizamos uma discussão teórica a fim de compreendermos o que são e como atuam os processos correlativos na produção textual. Desse modo, pudemos constatar que o produtor do texto lança mão da inter-relação entre paralelismo sintático e os pares correlatos para imprimir, no texto, uma orientação de adição e, fundamentalmente, de argumentação, estratégia que é inerente ao emprego dos pares, exprimindo mais ênfase ao seu projeto de dizer.

Quanto à segunda questão de pesquisa, que originou o segundo objetivo específico, - *Quais pares correlatos são utilizados na seção de fundamentação teórica dos textos do corpus?* -, fizemos uma análise para identificar e caracterizar quais pares foram utilizados no *corpus*, de modo que constatamos 15 ocorrências distintas, conforme demonstrado na tabela 2 na seção de análise. Por conseguinte, ressaltamos que a nossa intenção foi não apenas verificar a quantidade, mas também observar a versatilidade do emprego por meio da qual se nos apresentam os processos correlativos de adição no uso corrente da escrita acadêmica.

No que concerne à terceira questão, originando o terceiro objetivo específico, - *Quais implicações sintático-semânticas revelam a inter-relação entre o paralelismo e os processos correlativos na coesão sequencial presente na monografia?* -, realizamos a análise do *corpus* delimitado para a investigação. Esse processo analítico se materializa com o propósito de verificar as implicações sintático-semânticas da inter-relação citada na manutenção da coesão sequencial. Como

resultados, elaboramos as seguintes asserções, baseados nos preceitos teóricos e nos dados observados no *corpus* de análise:

- A inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição imprime uma forma de progressão textual mais enfática, oriunda dos aspectos do paralelismo, de modo que o emprego do primeiro par, prótase, determina o surgimento do segundo, apódose.
- Quanto aos aspectos sintáticos, percebemos que a ausência de um par correlato causa quebra do paralelismo e, por extensão, da coesão sequencial; além disso, a posição ocupada pelos pares interfere na organização sintática do texto, quando inadequada. Assim sendo, resta-nos confirmar que a coesão sequencial fica comprometida com a negligência do uso dos pares.
- Em relação à perspectiva semântica, se mantida a organização sintática com atenção ao emprego dos pares e da posição, não há que se falar em problemas tanto na progressão do texto, quanto na continuidade de sentido; por outro lado, em caso de não observância a esses preceitos, pode patentear a continuidade não só do texto, mas também do sentido. Entretanto, há excertos que, mesmo em caso de ausência de um dos pares e de posição inadequada, notamos ser possível restabelecer o sentido, justamente porque, no momento da interação entre texto/sujeito, pode o leitor, a partir de seus conhecimentos, inferir a presença do par faltoso, suprimindo a carência linguística e, acima de tudo, atribuindo a continuidade de sentido ao excerto.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa sinalizam que a quebra de paralelismo, em caso de não utilização de um dos pares e de inadequação deles, pode interferir diretamente na manutenção da coesão sequencial. Porém, tal implicação não alcança, em todos os casos, a unidade de sentido, por meio da qual se dá a continuidade necessária à condução textual. Acerca disso, evidenciamos que o produtor do texto, mediante a utilização de outras estratégias, como o emprego da substituição e da repetição, garante a progressão do texto nos seus aspectos sintáticos e semânticos.

Apesar do percurso que trilhamos nesta monografia, não tivemos a intenção de esgotar os estudos pertinentes à inter-relação entre o paralelismo sintático e os processos correlativos de adição. À vista disso, julgamos que são necessárias

pesquisas que investiguem essa interface, buscando analisar os status de dependência da prótase e da apódose e as repercussões da perspectiva argumentativa no texto, principalmente no tocante à condução dos sentidos. Desse modo, ressaltamos não só a importância desta pesquisa para o fomento das investigações dos fenômenos presentes nos textos, como também a sinalização de trabalhos vindouros que possam contribuir, ainda mais, para a construção de reflexões pertinentes às descobertas no universo dos textos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNES, Irandé. A coesão como propriedade textual: bases para o ensino do texto. **Calidoscópico**. v. 7, n. 1, p. 62-71, jan/abr 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4855>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.
- BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. I. São Paulo: Cortez, 2001.
- BORGES, Humberto. **Paralelismo gramatical, coordenação e correlação na produção textual de estudantes de ensino médio em Brasília**. 2011. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. **Texto e ensino**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.
- FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. **Escrever na universidade: gramática do período e da coordenação**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Lingüística textual: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- GERVASIO, Tharlles Lopes. **A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX: uma proposta de análise centrada no uso**. 2016. 95f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói - RJ, 2016.
- GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v.35, n.03, maio/junho de 1995, p.20-29. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2020

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. 1. ed. 3. reim. São Paulo: Contexto, 2020.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. de. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. O Desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **DELTA**, v.15, n. especial, 1999, (165-180). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4015.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MORETTO, Milena. **Um modelo didático do gênero trabalho de conclusão de curso e uma perspectiva de trabalho de sala de aula**. 2014. 212 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba, 2014.

OLIVEIRA JUNIOR, Osvaldo Barreto. **Coerência, coesão e texto na sala de aula: o essencial é invisível aos olhos?** 2015. 351 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PRATES, Roberta Vecchi. **O uso de conectores e articuladores de coesão na construção do texto à luz da semântica argumentativa**. 2019. 204 f. Tese (Doutorado em estudos de linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

PRINCIPE, Giovana Siqueira. **A escrita de monografia no ensino técnico integrado ao médio: uma prática dialógica de letramento acadêmico**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas/SP, 2017.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 106. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. 2012. 250 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Lidianny Pereira dos; SILVA, Claudiene Diniz da. A coesão textual em artigos científicos. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 181-193, ago./dez. 2014. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/1328/8140/#:~:text=A%20coes%C3%A3o%20textual%20%C3%A9%20indispens%C3%A1vel,a%20compreens%C3%A3o%20dos%20resultados%20apresentado..> Acesso em: 25/02/2021.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe**: como e por que aprender análise (morfo) sintática. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2018.

SILVA, Williany Miranda da; SOUZA, Clara Regina Rodrigues de. Gênero monografia em contexto de produção acadêmica escrita. **Ráido**, v. 12, n. 27, jan./jun., Dourados, MS, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5598>. Acesso em: 27/02/2021.